



Universidade de Brasília – UnB

Faculdade de Educação – FE

**COMO A RELAÇÃO CONSTRUÍDA ENTRE UMA FUTURA ORIENTADORA
EDUCACIONAL E SEUS ALUNOS INFLUENCIA NA CONSTRUÇÃO DO
INDIVÍDUO A PARTIR A AFETIVIDADE**

Priscilla da Silva Silvério dos Santos

Brasília – DF

2015

Priscilla da Silva Silvério dos Santos

**COMO A RELAÇÃO CONSTRUÍDA ENTRE UMA FUTURA ORIENTADORA
EDUCACIONAL E SEUS ALUNOS INFLUENCIA NA CONSTRUÇÃO DO
INDIVÍDUO A PARTIR A AFETIVIDADE**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr^a Sônia Marise Salles Carvalho.

Brasília – DF

2015

Trabalho final de curso de autoria de Priscilla da Silva Silvério dos Santos, intitulado *“COMO A RELAÇÃO CONSTRUÍDA ENTRE UMA FUTURA ORIENTADORA EDUCACIONAL E SEUS ALUNOS INFLUENCIA NA CONSTRUÇÃO DO INDIVÍDUO A PARTIR A AFETIVIDADE”*, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade de Brasília, em **30/06/2015** à banca examinadora abaixo assinalada:

Professora Dr^a. Sônia Marise Salles Carvalho – Orientadora
Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB

Professora Dr^a. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire
Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB

Professora Dr^a. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira
Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB

Profa. Dra. Silmara Carina Dornelas Munhoz
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UnB, Suplente

DEDICATÓRIA

Esse trabalho é dedicado a todas as dificuldades que enfrentei para chegar até aqui e a todos que contribuíram para que esse sonho se tornasse realidade.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por me dar um presente a cada dia durante 23 anos, agradeço imensamente por minha vida e por todas as oportunidades de estar sempre aprendendo a ser uma pessoa melhor e construindo um ambiente de paz ao meu redor. Também a minha mãezinha Nossa Senhora de Aparecida por estar sempre segurando minha mão não me deixando cair e por abençoar minha vida.

E juntamente a minha fé está minha família, que dentro de um contexto me fez querer seguir até o fim esse sonho da Universidade, que me fez enxergar as necessidades da vida adulta com muito discernimento desde o início dessa caminhada que me trouxe até aqui, pelo apoio nos momentos em que precisei e por acreditar em mim, mesmo não demonstrado explicitamente, pois de acordo com minha criação, percebi que sempre houve uma importância ao educar de maneira que eu mesma pudesse dar continuidade no meu caminho. Eles agiram até onde era de responsabilidade deles, de maneira que me fizeram ser a pessoa que hoje sou e principalmente muito grata por todos os momentos proporcionados. E estendendo a família, agradeço muito por toda a dedicação do homem que esteve ao meu lado durante esse tempo todo, sempre me apoiando e acreditando por muitas vezes mais que eu mesma no meu potencial. Meu exemplo de dedicação e perseverança para acreditar nos meus sonhos e sonhá-los junto a mim, obrigada Danilo.

Em seguida, não poderia deixar de lembrar de algumas pessoas que trilharam essa jornada ao meu lado, me dando apoio através da amizade e do bem querer, algo que é muito difícil de se ter em meio a tantos jogos de interesse dentro da sociedade em que vivemos. Minhas meninas que se tornaram grandes amigas, Bárbara Luiza, Jéssica Cristine, Jéssica Letícia, Késsia, Kerollayne, Maria Luiza e Silvia, muito obrigada por fazerem desses quatro anos inesquecíveis, obrigada por segurarem comigo momentos de dificuldade, obrigada por me ensinarem tanto sobre amizade, obrigada por cada conflito, pois foi a partir deles que percebi que todo erro pode ser melhorado se houver união e parceria. Obrigada também por toda a paciência, por todo apoio e por toda a alegria proporcionada a mim.

Gostaria também de agradecer meus colegas de trabalho que me deram um suporte para que em alguns momentos do dia eu pudesse desenvolver meus trabalhos acadêmicos no meio do serviço e por também me incentivarem a crescer profissionalmente.

Longe de ser menos importante, o agradecimento é para as professoras Sônia Marise, minha orientadora e Sandra Ferraz. Pessoas que dedicam a maior parte do seu tempo para ajudar seus alunos sem querer nada em troca, simplesmente porque a sensibilidade e o amor pela profissão falam mais alto, pelo cuidado e carinho que têm por cada detalhe de cada história que lhe é contada, pela riqueza de bondade existente em sua essência.

Existem poucas pessoas das quais me referiria com tanto carinho. É um tanto complicado criarmos vínculos tão próximos principalmente com professores na Universidade por inúmeros motivos. Dos momentos que me recordo com apreço nesses quatro anos, não poderia deixar de falar sobre o primeiro seminário que apresentei na matéria de Projeto 1 ministrada pela professora Sonia Marise e das várias aulas dedicadas a afetividade ministradas pela professora Sandra. Aquele nervosismo que não tinha fim e então a pessoa da qual nos avalia para dar a nota do semestre se mostra completa e qualquer falha, erro ou nervosismo presente naquele momento por entender o contexto em que estávamos, por ter experiência e respeito por cada um que estava dentro daquela sala, independente de ser aluno ou algum colega de profissão.

Professora Sonia e professora Sandra, muito obrigada pelo respeito pelo qual tiveram por mim, obrigada por doarem seu tempo e também por serem meu exemplo de profissionais, que amam o que fazem e entregam seus corações a cada dia. Nada disso teria sido possível sem o auxílio de vocês, obrigada.

EPÍGRAFE

"Mais belo que lutar pela própria vida, é dedicar-se pela melhoria da existência dos demais..." (Autor Desconhecido).

RESUMO

O presente trabalho é uma análise feita por uma estudante de pedagogia em uma escola particular que teve como foco a análise das relações afetivas construídas entre a pesquisadora e os alunos para poder interpretar como tais relações construídas atuam pedagogicamente na constituição dos alunos como indivíduos e de que maneira isso leva a uma nova significação das práticas do orientador educacional na escola. A pesquisa empírica consistiu em entrevistas individuais com sete alunos escolhidos conforme o grau de proximidade com a pesquisadora; estruturada por oito perguntas. Foi possível identificar fatores paradoxais com relação a definição do trabalho do OE, de que maneira os alunos o percebem, qual a necessidade do diálogo e de que maneira se deu a emergência de um serviço paralelo ao do OE ao articular-se a construção do indivíduo através da afetividade.

Palavras-chave: significação, orientador educacional e afetividade.

ABSTRACT

This study is an analysis by a pedagogy student in a private school which focused on the analysis of personal relationships built between the researcher and the students to be able to interpret as such built relationships act pedagogically in the formation of students as individuals and that way that leads to a new meaning of the practice of the guidance counselor at school. The empirical research consisted of individual interviews with seven students chosen according to the degree of proximity to the researcher; structured by eight questions. It was possible to identify paradoxical factors regarding the definition of OE's work, how students perceive, what is the need for dialogue and how occurred the emergence of a parallel service to the State Budget to coordinate the construction of the individual by affection.

Keywords: meaning, guidance counselor and affection.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
PARTE I - MEMORIAL EDUCATIVO.....	13
Entre razões e emoções	14
PARTE II - monografia.....	20
INTRODUÇÃO.....	21
CAPÍTULO I: REVISÃO TEÓRICA - ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO BRASIL: TRAJETÓRIA, CONCEPÇÕES E TENDÊNCIAS	23
1.1 Origem da Orientação Educacional no Brasil.....	23
1.2 Orientação Educacional na Legislação	25
1.3 Década de 1950	27
1.4 Década de 1960	29
1.5 Década de 1970.....	32
1.6 Década de 1980	34
1.7 LDB 1996 e nos anos seguintes	35
1.8 As funções do Orientador Educacional e as tendências pedagógicas de sua atuação	36
CAPÍTULO 2: METODOLOGIA – SOBRE O CAMPO E PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO	44
2.1 Contexto da Pesquisa	45
2.2 Participantes da Pesquisa.....	46
2.3 Procedimentos metodológicos de construção das informações empíricas, instrumentos e análise	48
CAPÍTULO III: RESULTADOS – DO RELATO AUTOBIOGRÁFICO À SIGNIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICA DE UMA FUTUR ORIENTADORA EDUCACIONAL EM UMA ESCOLA DO DF	50
3.1 Do relato autobiográfico	50

3.2 Entrevista com alunos	54
3.3 Reflexões de uma futura orientadora educacional	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
PARTE III - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	60
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	61
REFERÊNCIAS	62
ANEXO (S)	64
APÊNDICE (S).....	71

APRESENTAÇÃO

O Trabalho Final de Curso é a etapa final como parte do requisito para a obtenção do título de licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Sob a orientação da Prof^a. Dr^aa Sônia Marise Salles Carvalho, por meio da reflexão sobre a própria experiência profissional como apoio do SOE em uma escola de ensino fundamental, a presente monografia tem por objetivo geral analisar de as relações afetivas construídas entre a pesquisadora e os alunos.

Especificamente, objetiva interpretar como tais relações construídas atuam pedagogicamente na constituição dos alunos como indivíduos e de que maneira isso leva a uma nova significação das práticas do orientador educacional na escola. Assim, o documento que ora se apresenta, compreende três partes, com base nas Diretrizes para Elaboração do Trabalho Final de Curso, Projeto 5, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

A primeira parte deste trabalho é constituída pelo memorial, onde narro a minha trajetória de vida acadêmica, incluindo o momento da escolha profissional, os momentos que foram destacados como inspiradores e decisivos para tal desde a aprovação no vestibular na Universidade de Brasília no segundo semestre de 2011 até os caminhos percorridos para a conclusão do curso.

A segunda parte é composta pela trajetória do Orientador Educacional no Brasil, por onde tudo começou o contexto que o profissional estava inserido e os desafios vividos para chegarmos aos moldes atuais. Além de ter uma descrição sobre o que seria considerado função do trabalho do orientador educacional com base em todos os desafios que a profissão teve ao decorrer da história.

A terceira parte é constituída pela metodologia utilizada no trabalho, os resultados, as reflexões e conclusões obtidas com a realização da pesquisa.

PARTE I - MEMORIAL EDUCATIVO

ENTRE RAZÕES E EMOÇÕES

Priscilla, 23 anos e uma trajetória que está apenas no começo. É bastante complicado falar de si, enxergar-se criticamente diante de vários acontecimentos que são lembrados e fazem parte dessa história acadêmica e de vida.

Sempre foi um desafio a concentração em qualquer assunto e principalmente nos estudos. Uma criança bastante alegre, pode-se dizer, com o pensamento a frente do tempo normal, se é que existe esse tempo. Em contraponto da agitação, era muito fácil e rápido o aprendizado, tudo era novidade mas que durava pouco tempo, pois logo perdia o interesse por tornar-se um assunto ou atividade que já não tinha tanta graça, justamente por causa dessa habilidade de aprender com facilidade.

O ensino infantil foi concluído na cidade de Santa Maria – Rio Grande do Sul. Uma cidade pequena, do interior do Estado. Teve início na creche Cara Melada que foi a primeira escolinha onde tive acesso a mais crianças e ao convívio com elas. O aprendizado adquirido nesse espaço foi exatamente esse de saber como lidar com outros pequenos, como dividir, pois até então era filha única, ainda. Foi concluído somente o Jardim I, como era chamado na época e os outros 2 anos de Ensino Infantil executados no Colégio Marista, lugar que proporcionou novidades do que estava sendo vivido. Era uma escola imensa, com todas as modalidades de Ensino e também uma escola religiosa, de Padres. Logo na entrada via-se colunas grandes, decoração tradicional, como uma igreja mesmo. Tinha aula de balé, inglês, informática, religião e o que mais marcou foram as aulas de português. Éramos levados a biblioteca infantil e lá a Tia Raquel lia um livro que era escolhido, dentro das possibilidades apresentadas por ela, em consenso pela turma. Foi uma época marcada pelo carinho que a professora tinha por todos, por mais uma novidade e de um término de etapa. Houve uma formatura simbólica para o Jardim III com uma cantata de Natal celebrando o nascimento do menino Jesus.

Mais uma vez, outra novidade. Meu pai foi transferido para Brasília. E assim inicia-se uma nova etapa. Chegamos a uma nova realidade e não deu para manter o padrão de continuar os estudos no Marista e dessa forma fui matriculada na Escola

Classe 114 Sul. Um lugar muito agradável e onde foi revelado uma grande falha, só sabia escrever e reconhecer meu próprio nome e já estava na primeira série, enquanto todos os outros coleguinhas já sabiam. Foi um grande susto, para a professora Mercedes e para a família também. Mas foi algo completamente revertido em questão de meses. No fim desse ano letivo a escrita e a leitura já eram habilidades naquele momento, das quais ainda em desenvolvimento mas que já haviam avançado consideravelmente. Ao decorrer dos anos estudados lá, uma característica forte se destacou, a facilidade de interpretação e o entrosamento fácil com os demais colegas, toda aquela agitação transformada em conhecimento adquirido facilmente.

Rumo a 4ª série, a família decidiu que, por motivos óbvios, o Colégio Militar de Brasília era visto como o melhor lugar para se estudar e assim resolveram fazer a matrícula para que eu fosse concorrer a uma vaga lá e para isso acharam que a escola em que eu estudava não tinha a base suficiente para que pudesse ter condições de estudar lá. Assim, o colégio escolhido para o preparatório pré-colégio militar foi o Alvacir Vite Rossi, no final da Asa Norte. Lá, experienciei as piores memórias da época de escola. Algum tempo depois, percebeu-se que o conteúdo dado era muito a frente do que a 4ª série propunha e isso tudo porque o colégio tão almejado pedia esse tipo de currículo, sem contar com a pedagogia militar da escola que carregava também os mesmos conceitos do militarismo. O ano foi carregado pelas costas, a dificuldade veio com um sentimento de impotência e aquele pensamento de ir a escola foi mudando conforme o tempo passava, era quase massacrante uma criança de 10 anos ir a escola de segunda a sábado fazer simulados e provas quase todos os dias. Claro que essas conclusões foram feitas bem depois dessa época, porque quando isso tudo foi vivenciado era tudo muito confuso e unilateral, o que causou problemas como dificuldade de aprendizado e a necessidade de um psicólogo, pois logo cedo uma criança com toda essa pressão não poderia ser normal. Com todas essas informações em apenas um ano, a família decidiu por retornar a escola pública e esquecer de uma vez por todas que a saúde mental e física de uma criança não depende de uma escola somente, mas sim de um contexto familiar que se encarregava de cuidar de fatores que possivelmente teriam uma dimensão muito maior no futuro.

Começa outra fase de mudança radical, na realidade. Nessa fase, o conhecimento adquirido um ano antes era exatamente o que se pedia no currículo da 5ª série e dessa maneira tudo veio a mudar. Era uma menina confiante de si, que entendia tudo o que era dito em sala, cheia de atenção pelos colegas e admirada por sua desenvoltura para liderar, para falar em público e notas excelentes, e o ano seguiu desse mesmo jeito até chegar em seu fim. No ano seguinte, o contexto começou a pesar no desenvolvimento. A adolescência havia começado e com ela o desinteresse, aquela difícil fase em que a escola já não era mais tão interessante, mas sim as amizades e o convívio social. Ao fim desse período o Colégio Cor Jesu chegou na minha história e onde os melhores momentos aconteceram.

Os vínculos de amizade eram feitos com mais afinco, a preocupação com o vestibular foi despertada, passar uma boa imagem e se interessar pelas matérias tinha um gosto melhor, de satisfação e agradecimento por meus pais terem me colocado lá, por estarem investindo na educação de uma maneira que sempre quiseram. Da 7ª série ao 3º ano do Ensino Médio iniciei uma trajetória de construção do meu eu, foi o despertar do auto conhecimento, onde aconteceu um terceiro rompimento de etapas, o início da fase adulta e responsável que estava por vir, ansiosamente.

Com a conclusão do Ensino Médio, o desejo de cursar Pedagogia surgiu através de uma grande admiração com a Orientadora Educacional que trabalhava em minha escola, Daniela Laender. Sempre foi uma pessoa que nos tratou com o maior respeito, do qual só foi reconhecido ao fim dessa fase. Enxergava nela uma mulher independente, inteligente e responsável, e isso me fez pensar que poderia ser assim também, que eu seria muito feliz apoiando crianças e adolescentes nesse processo tão complicado e que todos têm que passar, que é a escola, o tempo escolar e os conflitos que essa fase traz e que tem o poder de modificar o futuro de um jovem.

Finalmente, entrei em um cursinho pré-vestibular que me permitiu ter uma outra visão da Universidade. O sonho sempre foi a Unb, por causa dos meus pais, uma forma de agradecimento a tudo que fizeram por mim, que deu resultado todo o esforço de todas as formas para permitirem que eu chegasse em algum lugar na vida. Foi uma questão de honra passar no vestibular. Tentei 3 vezes, sem sucesso,

mas na quarta tentativa finalmente aconteceu, foi um sonho realizado, me senti a pessoa mais feliz da Terra! E esse primeiro contato com a Universidade veio como forma de encantamento e assim permanece.

Assim que cheguei na Universidade “caí de paraquedas” naquela outra e nova realidade, pois nunca havia pensado de forma madura o porque do curso de Pedagogia. No primeiro ano eu trabalhava em uma clínica que não tinha nada haver com meu curso e isso foi me deixando constrangida, pois as colegas comentavam como era e a única experiência mais próxima que tive foram as aulas de catequese que dei na Paróquia Sagrado Coração de Jesus e Nossa Senhora das Mercês. Foram dois anos dando aula aos pequenos e inconscientemente já exercia o básico da Pedagogia. Um tempo depois tive a oportunidade de trabalhar em uma escola de Educação Infantil. Foi um lugar onde tive muito aprendizado e descoberta, o que via na teoria não se aplicava totalmente na prática e dessa forma o curso passou a ter outro significado pra mim.

Quando iniciei o Projeto 3 conheci o trabalho da professora Sônia com o projeto de Economia Solidária na região do Sol Nascente/Ceilândia na Escola Classe 66 do Sol Nascente, periferia do Distrito Federal. A economia solidária é um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver. Sem explorar os outros, sem querer levar vantagem, sem destruir o ambiente. Cooperando, fortalecendo o grupo, cada um pensando no bem de todos e no próprio bem.

No primeiro momento aquele choque de realidade, lugar sem nenhuma infraestrutura e para todos os lados, descaso. Todo o tempo em que passei lá me dediquei as crianças, pois o Projeto pedia total envolvimento das mães daqueles pequenos que ali estavam todo sábado de manhã e aí surgiu uma ideia de criar um “projeto dentro do projeto” junto as demais alunas da Pedagogia, pois o projeto também era composto por alunos de outros cursos da Universidade que faziam a parte prática da Economia Solidária, que inclusive no futuro deu frutos sólidos. Viu-se uma necessidade grande de orientar aquelas crianças por meio de vários campos que a Educação trouxesse. Eles ficavam a manhã inteira correndo pela escola ociosas e isso foi incomodando a nós como educadoras, porque havia tempo (a manhã do sábado inteira), havia espaço (o espaço cedido para o Projeto era uma

escola) e havia público o suficiente para colocarmos em ação um trabalho pedagógico. Visto a realidade deles, criamos aulas de caráter lúdico com temas que faziam parte da realidade daquelas crianças, como por exemplo uma das primeiras atividades era justamente saber o que eles enxergavam da cidade onde moravam, como era suas vidas. Assuntos também como o grande volume de lixo espalhado pela cidade, o mau cheiro, o que eles poderiam fazer dentro de suas casas, dentro da escola, etc. Nosso principal objetivo era contaminar aquelas crianças boa vontade para comecem a mudar o local que moram, mostrar a eles que apesar da situação em que estavam era possível ver adiante, era conseguir identificar com a ajuda deles mesmos que qualquer um é capaz de alcançar seus sonhos e objetivos através da educação.

Mas infelizmente as coisas desandaram. A comunidade não conseguia entender o real motivo de estarmos ali e começaram a nos cobrar comida, dinheiro, coisa que nunca foi prometida, até porque a Economia solidária não é uma ação com caráter assistencialista. E dessa forma as mães e mulheres deixaram de ir aos encontros aos sábados e conseqüentemente menos crianças iam também. Chegou um ponto do qual percebemos que tínhamos perdido o espaço dentro do Sol Nascente e o projeto foi extinguido. Dessa experiência trouxe mais um dos motivos dos quais me fizeram escolher a profissão: AINDA HÁ SOLUÇÃO! As crianças precisam de orientação para a vida e essa ajuda se inicia dentro da escola, espaço onde o pedagogo está em contato maior com eles e que há momentos propícios para agirem na vida de cada um deles. Nos últimos dias ganhamos uma pequena homenagem dos poucos que estavam presentes. Cada um deles sem nem perceberem foram falando o que aprenderam e em seguida um agradecimento carregado de todos os princípios que havíamos iniciado com eles. Foi uma emoção muito grande e decisiva no período em que estive da Universidade.

Apesar de toda essa vivência no projeto, tive matérias que dificultaram muito minha prática, porque sempre houve controvérsias muito grandes. Inclusive em vários momentos a possibilidade de abandonar o curso falava mais alto do que o envolvimento apaixonado que tinha sido criado pela Pedagogia. Dentro de um outro contexto diferente ao do Projeto, trabalhar com ensino infantil era quase um sofrimento, em se pensar que são apenas crianças fica até um pouco estranho, mas era exatamente o que acontecia. Aquela gritaria se tornou um tormento e não ter

nenhum suporte nem da instituição muito menos dos funcionários que passavam a impressão de que só estavam ali porque não tinham outra formação a não ser a pedagogia se tornava a cada dia que passava mais um ponto para colocar os pés pra fora da escola. Outro fator observado foi a forma de mediação dos conflitos e a relação escola/aluno/professor. Não existe a função de orientador educacional na escola e dessa forma todos os conflitos que surgiam eram de responsabilidade ou da própria professora ou com as coordenadoras que além de atenderem suas demandas profissionais ainda tinham que ter tempo para resolverem esses quesitos e por esse motivo a orientação não era feita da maneira correta, o índice de reclamações sobre a instituição eram grandes por causa disso, não havia tempo nem funcionário suficiente para dar conta da demanda de uma escola de ensino infantil, que requer mais atenção inclusive, por é a partir dessa etapa educacional que a criança começa seu desenvolvimento acadêmico, daí que surgirão suas memórias e suas aptidões mais destacadas. E dessa forma formalizei 2 anos de serviço na instituição, meu primeiro emprego na área da educação. Foi então que uma de minhas chefes me convidou para trabalhar em outra escola, maior e mais conhecida na mesma comunidade, como sua auxiliar pois ela seria orientadora disciplinar da instituição.

O novo emprego pedia uma postura mais séria e responsável, até mesmo no uniforme que passou a ser jaleco com roupas sociais por baixo, pois estaria em contato direto com pais, alunos, professores, funcionários, seria a primeira imagem da escola de ensino fundamental somente. E foi dentro desse novo contexto que a necessidade do pedagogo orientador foi ficando cada vez mais nítida em minha cabeça e o interesse na área foi despertando, pois meu trabalho é feito em contato direto com o orientador e houve o encantamento, o “poder” a esse profissional exercido que é capaz de muitas vezes mudar a concepção de mundo para uma criança que não tem a mínima noção porque seus pais em conjunto com a realidade em que eles estão inseridos não estão preparados para isso, e dessa maneira a orientação educacional entra principalmente como um papel social enorme em conjunto com a instituição escola.

PARTE II - MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

Por meio da reflexão sobre a própria experiência profissional como apoio do SOE em uma escola de ensino fundamental, a presente monografia tem por objetivo geral analisar de as relações afetivas construídas entre a pesquisadora e os alunos. Especificamente, objetiva interpretar como tais relações construídas atuam pedagogicamente na constituição dos alunos como indivíduos e de que maneira isso leva a uma nova significação das práticas do orientador educacional na escola.

Para que isso seja possível, primeiramente é necessário uma contextualização desse profissional através do seu histórico trazendo momentos marcantes e importantes para que tomasse os moldes atuais.

A orientação passou por um longo processo de aceitação e adaptação desde seu início, pois ela chegou no Brasil em 1924 espelhada aos modelos norte americanos que tinha como finalidade orientar vocacionalmente para a profissionalização do estudante. Mais especificamente, ela teve seu início no Liceu de Artes na Universidade de São Paulo para promover a orientação profissional dos estudantes de engenharia mecânica. Sete anos depois o professor Lourenço Filho, diretor do Departamento de Educação de São Paulo oficializou o primeiro serviço público de Orientação Educacional e Profissional. Foi uma experiência que não teve uma longa duração e em 1935 foi extinto.

Foi preciso ser executado uma série de congressos e leis para que o orientador obtivesse uma designação específica de acordo com os momentos históricos que o país passou.

Com o decorrer dos anos o SOE foi perdendo uma caracterização específica, mesmo com todo o apoio de diversos eventos pedagógicos realizados no Brasil para sanar as dificuldades que a classe identificou, as necessidades da sociedade foram exigindo um olhar multidisciplinar desse profissional que desde seu início foi designada a seguir os moldes da sociedade influenciada politicamente e economicamente.

Hoje é possível dizer que o orientador ainda não possui uma visibilidade mediante a sua importância no sistema educacional brasileiro que vem apresentando índices absurdos de evasão escolar e má qualidade dos projetos

educacionais propostos as escolas, tanto da rede pública quanto da privada e muito menos pode contar com um amparo legislativo consistente capaz de transformar a atual situação desse profissional.

A metodologia constituiu-se e caracterizou-se por ser uma pesquisa qualitativa que não busca enumerar nem medir, mas sim levar em consideração as questões que vão além da classificação geral dos fatos e ainda sim alcançar percepções e resultados.

Os materiais utilizados para dar corpo a pesquisa empírica foram os relatos autobiográficos que trazem um contexto onde ocorrem as situações apresentadas e as entrevistas que dão sentido ao trabalho, apresentado a visão dos alunos que foram além de tudo objeto de pesquisa. Elas foram feitas com o auxílio de duas professoras da instituição e as perguntas foram registradas por áudio.

As entrevistas trouxeram informações das quais já era possível serem observadas. Os alunos se sentem acolhidos pelo serviço de apoio educacional e por esse motivo conseguem ressignificar o trabalho do orientador educacional, trazendo aspectos que detectam a ausência desse profissional e como consequência a presença marcante e forte do serviço de apoio educacional.

Os capítulos desse trabalho trazem informações desde o princípio da orientação educacional no Brasil até os moldes atuais no primeiro capítulo, detalhados por datas e acontecimentos importantes como implementação de leis, já o segundo capítulo traz a metodologia foi utilizada nesse trabalho, de que forma a pesquisa foi feita, aonde foi feita e o terceiro capítulo traz a pesquisa em si, como foi possível chegar ao resultado de que as relações afetivas influenciam diretamente no ensino aprendizagem dos alunos que por muitas vezes são deixados de lado pelo orientador educacional, responsável pelo olhar sensível aos alunos, as consequências da sua ausência e dessa forma, como o profissional de apoio pedagógico ganhou significância dentro dessa realidade escolar.

CAPÍTULO I: REVISÃO TEÓRICA - ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO BRASIL: TRAJETÓRIA, CONCEPÇÕES E TENDÊNCIAS

1.1 Origem da Orientação Educacional no Brasil

O Brasil passou por muitos momentos políticos que impactaram de forma direta na profissionalização do orientador educacional. Foi uma época em que o serviço de OE era tratado de maneira muito superficial e que foi implantado de maneira que acarretaria problemas futuros não só no seu início, mas também posteriormente, problemas esses que se fazem presentes até os dias de hoje.

Vale ressaltar pontos dos quais fazem parte do contexto histórico da OE também no Brasil:

- A Revolução Industrial atingiu nosso país de forma a originarem mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais e a Orientação Educacional surge por conta da influência Norte Americana

- E por conta disso, há uma profusão de leis que são muito avançadas para a época e para a realidade no país e impossíveis de serem implementadas.

Em seu início, a OE era vista como um serviço a fim de orientar alunos para sua escolha profissional através de testes psicométricos que focalizam principalmente as aptidões. Servem para determinar quantos elas estão presentes em cada pessoa, com a finalidade de prever o seu comportamento em determinadas formas de trabalho, medem as aptidões individuais, para oferecer um prognóstico futuro do seu potencial de desenvolvimento. E essa ideia e metodologia perdurou por bastante tempo no país.

Quando finalmente percebem a alienação em que se encontravam, começam a discutir currículos, objetivos, procedimentos, avaliação, metodologia, demonstrando que através das suas lutas conseguiriam, gradativamente, encontrar a sua verdadeira função, identificando que os fatores socioeconômicos, são os que determinam a sua prática.

No ano de 1908, na cidade de Boston (EUA), em meio a tantos avanços tecnológicos, Frank Parsons criou um sistema de orientação para adolescentes que ainda não optaram por uma carreira – foi o início da Orientação Profissional.

Alguns anos depois no mesmo país, a Orientação Profissional teve seu espaço dentro das escolas com a intenção de orientar os alunos com o que diz respeito a profissionalização e à sua inserção no mercado de trabalho – o que hoje é conhecido como Orientação Vocacional. Esse contato direto do profissional com os alunos, dentro da escola, faz com que ele perceba as dificuldades, as dúvidas e os conflitos que os estudantes enfrentam no dia a dia, além da escolha da profissão. Mas ainda assim, era uma preocupação voltada para a formação profissional e não para o desenvolvimento do aluno.

No Brasil, a Orientação educacional surgiu em 1924 em São Paulo, no Liceu de artes e Ofícios, criada pelo engenheiro Suíço Roberto Manage. Pretendia-se oferecer um serviço de seleção e orientação profissional para os alunos que estudavam engenharia mecânica. Mas sete anos depois o professor Lourenço Filho, diretor do Departamento de Educação de São Paulo oficializou o primeiro serviço público de Orientação Educacional e Profissional. Foi uma experiência que não teve uma longa duração e em 1935 foi extinto.

Para Romanelli (1986), durante a ditadura do governo Vargas, se instituiu oficialmente a discriminação social através da escola. No seu artigo 129 promulgou que: O ensino pré-vocacional e profissional é destinado às classes menos favorecidas. Com isso, estaria orientando a escolha da demanda social da educação fazendo com que o movimento renovador se calasse, pois modificava fundamentalmente o dever do Estado e limitava-lhe a ação quanto à educação.

Segundo Santos (1986), é nessa época que a Orientação Educacional, mais como uma Orientação Vocacional e Profissional, teria um papel importante a desempenhar. A ABE ofereceu curso de extensão sobre Orientação Educacional aberto a professores interessados em prestar serviços de Orientação Educacional em suas escolas, pois no contexto político, era necessário para o ajustamento do indivíduo às necessidades de ordem social.

Essas tentativas foram uma releitura dos modelos europeus e americanos que viam esse serviço como uma maneira de não precisar contar com a sorte para escolherem uma carreira profissional a seguir. Era um serviço executado através de uma bateria de testes de aptidão e através do desempenho encaminhava-os para alguma universidade ou para empregos diretamente.

1.2 Orientação Educacional na Legislação

Mesmo com toda essa movimentação realizada para que a Orientação Educacional tivesse seu devido valor, somente em 1942 ela aparece mencionada na legislação federal brasileira. Ela está nas Leis Orgânicas do ensino, que foram criadas para dar caracterização a cada modalidade de ensino e seus diferentes objetivos.

Grinspun (2006) enfatiza que foi através das Leis Orgânicas do Ensino, que se fez necessário o orientador pedagógico, pois, esse profissional assumira funções de caráter terapêutico, preventivo, psicometrista, identificando dons, aptidões e inclinações dos indivíduos, mas isso não quis dizer que tal prática foi implementada de fato. Vários fatores foram responsáveis para o não cumprimento e um deles era a falta de profissionais capacitados para exercer tal função.

É preciso falar também que a Lei da obrigatoriedade do OE era restrita ao Ensino médio, provavelmente por causa de suas origens profissionalizantes. Nas Leis Orgânicas do Ensino, a OE já tem características desvinculadas a Orientação Vocacional, mesmo sendo referidos em dois itens ao preparo ou à escola profissional.

As origens da OE estão vinculadas a OV e são mencionadas na legislação também mesmo quando a OV passou a não ser mais o foco dos Orientadores.

Em 1942 pode-se dizer que foi o início de uma longa jornada legal, grandes esforços foram feitos para que houvesse a implementação da Orientação Educacional, várias leis precisaram ser transcritas. São consideradas essenciais as leis citadas abaixo:

Decreto-Lei nº 4.073 de 30/1/1942 (Lei Orgânica do Ensino Industrial)
TÍTULO III – Da Orientação Educacional
Capítulo XII

Artigo 50 – Intituir-se-á em cada escola industrial ou escola técnica a orientação educacional mediante a aplicação de procedimento adequados, pelos quais se obtenham a conveniente adaptação

profissional e social e se habilitem os alunos para a solução dos próprios problemas.

Artigo 51 – Incumbe também à orientação educacional, nas escolas industriais e escolas técnicas, promover com o auxílio da direção escolar, a organização e o desenvolvimento entre os alunos, de instituições escolares tais como as cooperativas, as revistas e jornais, os clubes ou grêmios criando na vida dessas instituições, um regime de autonomia, as condições favoráveis à educação social dos escolares.

Artigo 52 – Cabe ainda a orientação educacional velar no sentido de que o estudo e o descanso dos alunos decorram em termos de maior conveniência pedagógica.

Decreto-Lei nº 4.244 de 9/4/1942 (Lei Orgânica do Ensino Secundário)

TÍTULO III – Da Orientação Educacional

Capítulo VI

Artigo 80 – Far-se-á nos estabelecimentos de ensino secundário, a orientação educacional.

Artigo 81 – É uma função da orientação educacional, mediante as necessárias observações cooperar no sentido de que cada aluno se encaminhe convenientemente nos estudos e na escolha de sua profissão, ministrando-lhes esclarecimentos e conselhos, sempre em atendimento com a sua família.

Artigo 82 – Cabe ainda à orientação educacional cooperar com os professores no sentido da boa execução, por parte dos alunos, dos trabalhos escolares, buscar sempre imprimir segurança e atividade aos trabalhos complementares e velar para que o estudo, a recreação e o descanso dos alunos decorram em condições da maior conveniência pedagógica.

(O artigo 83 trata do provimento, em caráter efetivo, dos orientadores, sendo os mesmo que aqueles aplicáveis aos professores.)

Pode-se dizer que em 1940 o Brasil tinha um suporte legal, havia dados de que a Orientação Educacional tinha aplicabilidade nos EUA, mas aqui não havia recursos humanos com formação adequada para que as leis fossem cumpridas. As soluções através de cursos e nomeações tinham caráter emergencial, ouvia-se dizer que as nomeações eram de interesse político.

O primeiro curso oficial para formação do profissional no país de que se tem notícia foi criado em 1945, na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas, no Estado de São Paulo.

1.3 Década de 1950

A orientação educacional era serviço somente de mulheres. Como havia a separação dos sexos nas escolas (meninos estudavam de manhã e meninas a tarde), elas tratavam somente de assuntos tidos como “assuntos de mulheres”, pois os professores eram em sua maioria homens e só procuravam as orientadoras para assuntos do tipo.

No ano de 1950, o Regimento Interno dos Colégios e Ginásios Estaduais do Estado de São Paulo (Ato nº 27/1/1950) dedicou o capítulo VI à Orientação Educacional e no artigo 26 estaria uma lista contendo as competências do profissional e algumas delas são:

1. Auxiliar os alunos a conhecer as oportunidades educacionais da cidade, do Estado e do País;
2. Levar os alunos a conhecer as profissões e a compreender os problemas do trabalho, de forma que possam preparar-se para a vida na comunidade;
3. Auxiliar os alunos a realizar os seus objetivos educacionais;
4. Estudar os problemas escolares que lhe forem propostos pelo diretor e pela Congregação;
5. Organizar o fichário dos alunos;
6. Cooperar com os professores, no sentido a boa execução dos trabalhos escolares, e dentro de suas atribuições, com o diretor.

A lista completa é composta por 15 itens. Uma longa lista de atribuições com preocupações propedêuticas e também atuais inclusive, de caráter educacional e escolar.

No início da década de 1950 foi realizado o primeiro concurso para Orientador Educacional e apenas 21 pessoas foram aprovadas. Pode-se dizer que esse baixo número de aprovações é devido à baixa quantidade de profissionais formados, problemas na divulgação do concurso, candidatos mau preparados e o nível de exigência estava muito difícil de acordo com a realidade dos profissionais. E em vista desse acontecimento, a preocupação com a formação dos Orientadores se tornou maior.

Foi promovido no final de 1950 e início de 1960 pela Diretoria do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura (MEC) vários simpósios e semanas de estudo no Brasil inteiro. Em 1957 realizou-se o primeiro simpósio na cidade de São Paulo com o tema sobre a “Implementação da OE nas Escolas Médias” com a colaboração do MEC (Ministério da Educação e Cultura) e do CADES (Campanha de Difusão e Aperfeiçoamento do Ensino Secundário). Os dirigentes eram, em sua maioria, religiosos e foram escolhidos pelo MEC. Essa função surgiu como mais uma das propostas de inovação educacional, que serviria para analisar as aptidões e adaptação do aluno à escola. Sendo assim, a Orientação Educacional seria mais uma Orientação Profissional com bases científicas e técnicas para ajustar o aluno a uma plena realização vocacional, com métodos de aconselhamento, atendimento individualizado e coletivo, psicologizante, tentando fazer uma articulação entre a escola e a família.

O tema em discussão foi a Prática e a Implantação da Orientação Educacional nos ensinos de 1º e 2º grau. Este evento foi considerado o mais representativo, por ser o primeiro, e foi também o que ocasionou a organização da categoria. Este simpósio tenta definir o conteúdo da Orientação Educacional, bem como delimitar o seu campo de ação. Gildasio Amado, diretor do ensino secundário da época, afirmava que: A base da diversificação da escola está justamente na Orientação Educacional, expondo assim qual era a expectativa do governo sobre a Orientação Educacional.

O segundo simpósio foi na cidade de Porto Alegre com o tema “Organização e Estrutura da Orientação Educacional” e outro evento importante com essas iniciativas foi a publicação de um manual de trabalho para os Orientadores Educacionais que foi inspirado na “Guindance” dos EUA e na “Psychologic Scolaire” francesa.

Em resultado a essas iniciativas, entusiasmo e a participação dos profissionais, em 12/02/1958 foi regulamentada o exercício da função de OE no ensino secundário e passou a ser exigido o registro da função por meio da Portaria nº 105 do MEC.

Essa época foi marcada por uma grande preocupação das autoridades à profissionalização e importância do OE.

1.4 Década de 1960

Essa década deu continuação a grande movimentação tida em 1950, mas com alguns avanços. O primeiro registro oficial de um Orientador foi concedido pelo MEC somente em 1960, mesmo a Portaria ter regulamentado isso em 1958.

Em 1961 a OE foi introduzida no ensino primário (primeiras séries do ensino fundamental) pela Lei nº 4.024 (LDB), mas esse fato além de ter sido um avanço ao mesmo tempo se tornou um retrocesso com o que diz respeito a formação. Acreditava-se que esses profissionais que atuavam no ensino primário não poderiam atuar em outros segmentos de ensino. Hoje realmente podemos constatar isso não por uma questão de formação, mas sim de perfis diferenciados, pois sabemos que existem pessoas aptas para algumas coisas e não para outras porque possuem habilidades diferentes.

A LDB traz ideias de igualdade ao defender educação como direito e dever de todos. Ignora a falta de escola para todos realmente, omite o fato dos privilégios tidos para as classes dominantes, as várias maneiras de discriminação que impedem dos alunos pobres terem acesso a um ensino de qualidade. E isso tudo é fácil de ser identificado ao olhar os materiais escolhidos para serem utilizados nas escolas públicas e particulares, na seleção de profissionais da educação, até mesmo nos critérios de avaliação nas escolas de bairros pobres e nos ricos. E o espelho desses atos são refletidos no baixo rendimento, nos altíssimos índices de repetência e evasão. Isso se deu até chegar a um ponto que a classe subalterna tomou como verdade esse fracasso educacional e começaram a colocar a culpa no seu grupo social, na escola, na sua família e a si mesmo.

Contando com essas afirmações, a preocupação continuou grande com o que diz respeito a formação dos Orientadores e por isso ainda foram feitos mais uma série de simpósios e eventos para a aprimorar as habilidades desse profissional, como por exemplo o II seminário de OE com o tema “Formação do Orientador

Educacional” e o III simpósio em Recife que falava sobre “O Orientador Educacional e a Escola”.

Sobre o que se trata de documentos legais, nessa época ocorreram alguns marcos referentes a formação do Orientador. Houve o Parecer nº 79/62, do Conselho Federal de Educação referente a realização de exames de suficiência para registro de OE, o Portaria nº 137, do mesmo ano e assunto; o Parecer de nº 374, também do mesmo ano, do Conselho Federal de Educação fixando o currículo mínimo para o curso de Orientação Educativa: a Portaria nº 137/62, dispendo sobre a habilitação de Orientadores da Educação; a Portaria nº 159/65, referente a duração média dos cursos de formação dos OE; a Leo nº 5.540/68 que, ao tratar da reforma do ensino superior, colocou a formação do OE nesse grau de ensino; Os Pareceres 252 e 734, ambos de 1969, do Conselho Federal de Educação, colocando a formação dos OE em nível de pós-graduação e esses dois últimos pareceres foram feitos inspirados nos modelos da Inglaterra, França, EUA e União Soviética.

E em 1968 a Lei nº 5.564 já traz uma nova mudança quanto o exercício do OE. Ele a partir de então sua atuação estende-se ao ensino primário e médio.

Na década de 1960 ainda haviam problemas quanto a formação profissional e isso pode ser observado pelas várias mudanças nas Leis e também houve outros problemas que seriam possíveis de se perceber na prática. E um desses problemas foi justamente o caso de implementar a importância desse profissional para os diretores das escolas.

Houve inclusive uma tentativa de um acordo financeiro com as faculdades para que o número de profissionais aumentasse, mas com o tempo constatou-se que o apoio financeiro não seria o suficiente para que essa questão fosse resolvida e os desafios não pararam por aí, posteriormente haveria mais dois grandes golpes que apareceu de forma negativa para o profissional.

A LDB de 1961 exigia da formação do OE uma experiência de três anos de magistério e isso afastava esse profissional, pois quem se disporia a desistir de seu

trabalho para ingressar em um ensino superior e ainda ter que fazer uma especialização, enfrentar concurso para iniciar uma nova carreira? Com isso, das vinte e nove faculdades que ofereciam o curso, restaram somente oito.

O segundo impacto sofrido na formação e atuação dos OE tiveram origem nos cursos de Psicologias que começaram a competir vagas no mercado com os Pedagogos para OE. Essa competição veio a crescer quando a Lei nº 4.199 de 27/8/1962 limitou o trabalho do Orientador quando se trata de testes psicológicos tidos como imprescindíveis para a profissão, o que limita a atuação do Pedagogo indiretamente.

Em 1968 foi realizado outro concurso de OE para as escolas estaduais em São Paulo que obteve maior participação do que em 1951, mas mesmo assim não alcançava os objetivos. Eram 2 mil orientadores no país conforme o MEC, mas houve apenas 226 candidatos e 88 aprovações. Constatou-se que a exigência ainda era grande demais para pouco público interessado em ingressar na profissão.

Os profissionais que já atuavam se sentiam sem amparo de diretrizes e desvalorizados por outros profissionais da educação e maior parte das vezes pelos diretores (gestores) das instituições.

Todos os profissionais tinham seu papel definido dentro das escolas e eram reconhecidos por toda a comunidade, cada um com sua função, já com o orientador isso não acontecia. Eles eram peças avulsas no ambiente escolar e o pior de tudo isso é que existiam profissionais que se colocavam nesse lugar, aceitavam esse descaso, o que contribuiu ainda mais para a desvalorização do profissional.

Em vista disso, novamente há uma nova mobilização promovida através de congressos a nível federal. Surgiram várias iniciativas de associações e a primeira delas foi a do Rio Grande do Sul e em seguida em Minas Gerais. As autoridades educacionais atuaram bastante a favor da OE nessa época. E foi no final dessa década que a Lei nº 5.567 de 21/12/1968 foi promulgada para regulamentar a profissão.

1.5 Década de 1970

Foi nessa época então que a OE chegou ao seu ápice. O último congresso que aconteceu em 1969 deu continuidade em 1970 a mais nove congressos (uma média de um congresso a cada 40 dias) que se estenderam por todo o país e movimentou essa questão em várias capitais.

Conforme Santos (1986), em 1970, o 1º Congresso Brasileiro de Orientação Educacional (CBOE) revelou preocupação com um trabalho científico, tendo como referencial teórico a Psicologia nos currículos de formação deste profissional, vinculando a Orientação Educacional à política administrativa. Apresentava projetos mais específicos para serem trabalhados pelo Orientador Educacional como: operação recuperação, operação rendimento, escola-família, mas não refletia, na dimensão necessária, a realidade concreta vivida nas escolas, ou seja, apresentavam auxílios aos Orientadores Educacionais para um desenvolvimento de sua função mais eficiente e produtiva, do primário ao ensino superior. Nesse Congresso demonstra-se também a contínua luta pela definição de seu papel e de uma legislação que garanta o seu espaço profissional, através de reivindicações de benefícios para a categoria.

Para o governo, organizar a categoria de orientadores educacionais tinha como propósito que lhe servisse de base para diversificação da escola, enquanto que ele (governo) garantia privilégios como o profissional da seletividade.

E como consequência do empenho dos congressos e dos profissionais, foi apresentada em Belém do Pará, para aprovação e jurisdição em todo o território nacional a Fenoe (Federação Nacional dos Orientadores Educacionais) que possuem as seguintes finalidades:

- a. Propugnar pelo fortalecimento da classe, através de medidas eficazes, que permitam elevar o nível dos seus integrantes em todos os sentidos.
- b. Defender os interesses e os direitos das entidades federadas e de seus membros.
- c. Colaborar com o Estado e outras entidades, nos campos Educacional e Cultural.
- d. Promover e referenciar os eventos de Orientação Educacional. ”

A criação da Feneo representa a importância que o profissional passou a ter definitivamente na época e nos anos seguintes, trouxe força a classe que já estava tão desgastada por tentativas não eficazes.

A LDB de 1971 trouxe o marco legal tido como o mais importante para a OE e um avanço considerável, quando torna obrigatória a existência de um orientador educacional nas escolas de 1º e 2º graus sem fazer nenhuma distinção entre eles. Outra consideração importante foi o mesmo legislador ter se preocupado em colocar na lei que o profissional deveria ter a cooperação e participação de pessoas de dentro e de fora do estabelecimento escolar.

Essa mesma lei (nº 5.692/71) buscou encontrar soluções para problemas antigos, o que caracteriza que ela teve um marco legal no nosso sistema escolar. Um desses problemas foi a existência das escolas técnicas. Instituição importante para nosso país, mas onde os estudantes não conseguiam/pretendiam ingressar no ensino superior por serem tratadas com um lugar destinado a pessoas menos favorecidas economicamente. E ao mesmo tempo em que existia essas escolas, tínhamos também as instituições que prezavam pelo conhecimento acadêmico. Sistema inflado por estar cheio de alunos da “elite”, mas que tinham somente o objetivo de preparar seus alunos para o ensino superior, mas nem sempre isso acontecia e ao menos eram preparados para o mercado de trabalho.

Era uma situação que preocupava os educadores e para acabar com o preconceito com as escolas técnicas chegou-se a pensar em tornar todas as escolas do país em técnicas, mas não passou de especulação, pois quando foram analisadas as situações atuais foi visto que primeiramente, os alunos que tinham condições de continuar seus estudos e ir para o ensino superior nunca aceitariam essa proposta e o sistema escolar não tinha condições de tornar isso realidade.

A solução que a Lei trouxe foi de oferecer aos alunos das escolas acadêmicas algum preparo técnico, conforme o artigo abaixo:

Capítulo I – Do ensino de 1º e 2º graus

Artigo 5º Parágrafo II – A Parte de formação especial do currículo:

- a) Terá o objetivo de sondagem de aptidões e iniciação para o trabalho, no ensino de 1º grau e de habilitação profissional no ensino de 2º grau.

A tentativa de implementação de mais matérias na grade curricular que visavam a área profissionalizante não deu certo, pois os estudantes que queriam ingressar no ensino superior achavam uma grande perda de tempo, pois gostariam de se dedicar mais aos estudos para o vestibular. Dessa forma então, no Estado de São Paulo foram criadas disciplinas com caráter profissionalizante e outras de orientação vocacional a fim de solucionar o problema e atender a lei ao mesmo tempo. Mas novamente foi uma tentativa frustrante, pois não haviam profissionais habilitados o suficiente para ministrar essas matérias e assim as escolas passaram a substituí-las pela Filosofia, Sociologia ou Psicologia, pois acreditavam que tivessem maior apelo acadêmico.

Por esse motivo os OE tiveram mais uma possibilidade no mercado de trabalho, ministrar aulas para esses novos profissionais e supervisionar os professores dessas disciplinas nas escolas onde trabalhavam.

Ao fim dessa década e início da próxima, ainda haveriam muitos Pareceres, Resoluções e Indicações Federais com relação às exigências para a formação do profissional e foi uma época em que os alunos de Pedagogia procuravam mais o SOE para ser sua área de atuação e os profissionais já atuavam nas escolas públicas também.

1.6 Década de 1980

Foi um momento do qual também se aproveitou os ganhos da década anterior, continuaram formando profissionais para a área da orientação e os congressos tiveram continuidade. Mas logo nos primeiros anos da década, começaram a surgir problemas que afetariam no desenvolvimento da OE no país, em vista de suas várias conquistas.

Podem ser citados problemas que desvalorizaram o profissional, como por exemplo o não cumprimento da Lei Federal nº 5.692/71 que previa a obrigatoriedade da existência do profissional nas escolas não foi cumprida e um dos motivos que pode ser considerado para justificar a falha da aplicação da lei foi o

fator econômico. Naquela época já havia um grande número de escolas públicas, que conseqüentemente custavam bastante pela quantidade de funcionários. Outros exemplos de problemas que influenciaram na decadência do Orientador foram a falta de preparo para os estudantes de Pedagogia quanto a OE, a concorrência no mercado de trabalho por parte de formandos e de formados em outros cursos, o desconhecimento generalizado por parte da sociedade quanto ao papel que esse profissional teria dentro das escolas, quanto sua forma de atuação, a diminuição do interesse na busca nos cursos de Pedagogia.

1.7 LDB 1996 e nos anos seguintes

Na nova LDB, a Lei nº 9.394/96 a obrigatoriedade dos OE nas escolas não é explícita, suas funções não estão bem destacadas, suas atribuições, quem seriam os responsáveis para atuar nas escolas e com isso foi constatado que a profissão foi perdendo espaço, quase que desaparecendo dentro das instituições.

A comunidade escolar percebia a importância de cada membro da escola, mas será que sentiram a falta de um OE? Essa pergunta é respondida quando nessa época começaram a ser contratados vice-diretores, auxiliar de direção e até um profissional conhecido como CP, que fazia o trabalho de acompanhamento do ensino e aprendizagem junto ao professor. Na época esse novo profissional passou a ter as mesmas funções de um orientador, foi uma estratégia econômica promovida pelas autoridades. Mas essa tática não surtiu muito efeito, pois a escola teria quem cuidasse dos problemas dos docentes, mas quem iria cuidar dos problemas dos alunos? O OE era um símbolo de luxo, devido aos fatores econômicos da época. A situação estava tão deplorável que nem nas escolas particulares havia um SOE.

A Orientação Educacional viu-se limitada em seu trabalho quando mais se intensificou a procura dos culpados pelo fracasso da educação. Começava a se solidificar, recusando um papel cujo desempenho a comprometia e mostrava suas reais possibilidades de colaborar para a melhoria da educação brasileira. (Grinspun, 2001).

Nos dias atuais, felizmente ainda há Orientadores. Alguns por vocação, outros pelo interesse em departamentos de RH, outros atuando dentro de escolas públicas e particulares por empatia ao trabalho.

O Secretário de Educação do Distrito Federal se preocupou com a situação em que as escolas se encontravam, com problemas incomuns acontecendo quase diariamente dentro do ambiente escolar e com isso concluiu que é necessário a existência de profissionais para lidar com cada tipo de problema apresentado e dentre esses profissionais, um OE para cada escola.

Conforme Grinspun (2001), a Orientação Educacional, na atualidade, caminha na busca da totalidade do aluno, preocupando-se com a ampliação do conhecimento do educando como pessoa, construindo sua personalidade e participando consciente e ativamente de sua própria história de vida, valorizando a realidade de cada aluno.

É realmente entristecedor que o orientador ainda seja visto como apenas aquele que interfere nas situações que apresentam muitos problemas e riscos, que seu trabalho seja para agir de forma a remediar os problemas e não de evitá-los e quando esses acontecem, o profissional perde o controle e envolve uma série de profissionais que ao menos conseguem contribuir positivamente para a solução do problema.

De acordo com as leis e todo o processo pelo qual OE passou, é possível concluir e constatar que os acontecimentos nas décadas anteriores, todas as lutas e posicionamentos, hoje ocupam um lugar vazio legislativo.

1.8 As funções do Orientador Educacional e as tendências pedagógicas de sua atuação

De acordo com pesquisas feitas dentro do que diz a lei, a história e a vivência na prática de um orientador, é possível listar algumas tarefas principais a serem cumpridas por esse profissional. Ciente de que cada escola possui sua cultura e suas características, essas pontuações foram listadas a partir do conhecimento vivenciado na instituição da qual foi escolhida como referência desse estudo. Elas são:

- a) Atividade existencial: a Orientação Educacional deve atender os alunos que precisam e querem orientação pessoal não apenas na vida escolar, mas na

vida particular auxiliando em situações problemas, dúvidas, inseguranças e incertezas.

- b) Atividade terapêutica: está voltada no auxílio para os alunos que possuem dificuldades de estudo ou de comportamento cujos casos precisam de uma assistência mais assídua e especializada. Nos dias atuais, o orientador não pode assumir o papel de um psicólogo mesmo o sendo, pois dentro de suas atribuições dentro do espaço escolar não cabe diagnosticar os problemas apresentados, mas sim encaminha-los para os especialistas e aí sim dar seu apoio de maneira adequada.
- c) Atividade de recuperação: refere-se aos alunos que apresentam um déficit definido de aprendizagem e que precisa de recuperação. Esta atividade deve ser exercida em parceria com a Coordenação Escolar. A recuperação não tem somente o objetivo de levar o educando a alcançar certas notas, mas pesquisar junto a esses alunos as causas que os levaram a este estado de desinteresse, desorganização, conflito, desajuste e mau funcionamento na escola dentre outros.

Essa profissão exige uma ética profissional, assim como toda função e ela reveste-se de grande importância, complexidade e responsabilidade e, para que seja realizado da maneira correta, exige-se muito desse profissional, não só em termos de formação, de atualização constante e de características de personalidade como também de comportamento ético.

Mesmo que não haja um código de ética elaborado especificamente para o Orientador Educacional, como todo profissional, ele deve ter sua atuação pautada por princípios éticos. O comportamento ético em relação às informações sobre alunos, funcionários, e pessoas da comunidade, é um dos principais aspectos a serem considerados.

A orientação educacional é caracterizada por momentos em que há confissões familiares, pessoais, são discursos espontâneos. Esse tipo de relação pede um sigilo por conterem informações que os alunos com certeza não poderiam contar para muitas outras pessoas. Esse cuidado confidencial deve ser uma

condição básica para que o trabalho estabeleça uma relação de ajuda e confiança de maneira eficiente.

Os dados colhidos durante o momento da orientação como prontuários, questionários, resultados de entrevistas, devem ser mantidos fora do alcance de pessoas que não dizem respeito aquele contexto e até mesmo das próprias pessoas envolvidas, pois um dos intuitos com tantas informações adquiridas é procurar acirrar os ânimos e sempre que possível, acalmar as partes, buscando o entendimento entre elas, negociando soluções que, ao contentar à todos, restabeleçam o necessário equilíbrio.

A mesma atitude ética é exigida observado quando alguns motivos, como busca de status, de poder ou de prestígio, acabam se manifestando e envolvendo os profissionais em disputas ou tramas pessoais. Nessas ocasiões, informações verdadeiras ou não podem ser usadas indevidamente para prestigiar ou prejudicar uns e promover ou favorecer outros.

É importante falar também que, por ser um profissional em contato e interação com a comunidade escolar de várias faixas etárias e níveis socioeconômicos, se torna uma pessoa muito visada, exposta e conhecida e em vista disso seu comportamento estará sendo observado a todo momento e muitas vezes servindo de modelo para alguns, o que vem aumentar uma conduta ética irrepreensível. Por esses motivos o profissional deve ter descrição em sua vida pessoal, em público, mesmo quando fora do local ou horário de trabalho, a fim de que sua imagem seja sempre preservada de comentários desagradáveis ou comprometedores. Na instituição escolar, como um todo, dado a natureza do processo educativo, é importante que sejam observados princípios éticos e, em particular na área de Orientação Educacional, é imprescindível que tais preceitos sejam rigorosamente seguidos.

De uma visão tradicional, o orientador é um profissional cujo seu papel é atuar com os alunos. Assim é que a orientação é definida, como um método pelo qual esse profissional ajuda o aluno na escola a tomar consciência de seus valores e dificuldades, concretizando principalmente através do estudo, sua realização em todas as suas estruturas e em todos os planos de vida. E para que isso seja feito, o mesmo faz uma sondagem em vários setores de sua e desempenha uma série de

funções de maior ou menor importância, relacionadas com a singularidade do atendimento ao educando.

Infelizmente o aconselhamento individual mesmo sendo uma maneira eficiente de apoio ao aluno ainda é algo praticamente inacessível a todos, em uma proporção de 450 alunos por orientador. E mesmo com esses dados, com a sobrecarga quantitativa de alunos, o profissional ainda sim tentará atender a demanda, mas de modo que os atendimentos durarão menos tempo, o que implica em ajustes consecutivos e um apoio artificial. De acordo com esse aspecto, muitas vezes ocorre a situação de o orientador atender somente aqueles alunos que chamam mais atenção, que dão trabalho, por exemplo e o curioso disso é que isso é justamente o que acontecia no início da prática desse profissional, ainda há esse tipo de prática, algo a se pensar.

Tal concepção de prestação de serviços e atendimento direto ao educando, de acordo com a emergência de necessidades psicoemocionais, parece ter gerado uma mudança no e sentido do papel do professor em relação ao aluno. Nem sempre o professor assumindo seu papel de facilitador das dificuldades de compreensão com os alunos consegue sanar problemas mais enfáticos com tanta individualidade e por conta de algumas particularidades o orientador assume um papel de assistência ao professor, aos pais, às pessoas da escola com as quais os alunos mantêm contatos significativos, no sentido de que se tornem mais preparados para entender e atender às necessidades do educando, tanto com relação aos aspectos cognitivos e psicomotores, como aos afetivos.

O currículo do orientador traz fatores dos quais são muito contraditórios. Ao mesmo tempo em que o profissional precisa atender uma demanda a fim de dinamizar o serviço de orientação com rendimento dos alunos, não possui tempo hábil para tal. Esse serviço exige uma sintonia muito intensa com os acontecimentos da escola e geralmente existe só um orientador por etapa de ensino, o que dificulta que seu trabalho tenha plena eficácia significativa na vida daquele aluno que procurou o serviço de orientação ou que foi indicado para tal.

A história da orientação educacional é carregada por fatores políticos e sociais que interferiram muito na forma que esse trabalho se aplicaria dentro das escolas. Foram muitos processos, fóruns e leis que aconteceram para melhoria da

classe e mesmo assim ainda acredito que esse discurso não tenha chegado a um fim.

A Orientação Educacional, na atualidade, conforme Grinspun (2001), caminha na busca da totalidade do aluno, preocupando-se com a ampliação do conhecimento do educando como pessoa, construindo sua personalidade e participando consciente e ativamente de sua própria história de vida, valorizando a realidade de cada aluno.

Como a orientação passou por processos de crescimento nos últimos anos, hoje existe uma nova questão, um novo parâmetro para execução desse trabalho, que seria compreender que um aluno está inserido em uma realidade e ter isso como uma base para discorrer o assunto e solucionar suas dificuldades. Mas o que acontece é que o profissional não consegue interagir de tal forma a ponto de conhecer essa realidade do aluno.

Nos dias atuais, percebe-se uma movimentação crítica diante dos perfis de alunos. Os valores mudaram, a sociedade mudou! E com isso o orientador precisa estar preparado para essas mudanças. Em contrapartida, as mudanças ocorrem o tempo todo, os alunos estão cada vez mais rebeldes diante ao que a escola os oferece, o professor está “perdendo o controle” dentro de sala de aula e as famílias cada vez mais estão deixando para a escola o papel de educar, conscientizar, dar limites, ensinar como se comportar, enfim. Não que isso tudo não faça parte do papel social da escola, mas o que acontece é que os pais cobram somente da instituição, como se quisessem tirar sua responsabilidade, pois no caso da escola particular, ainda há o fator da família pagar pelo ensino, e aí surge mais um tipo de problema.

A demanda de alunos com transtornos e dificuldades de aprendizagem aumentou absurdamente e visivelmente nos últimos tempos. Pais cada vez mais gastam valores altíssimos com psicólogos e especialistas para que seus problemas sejam minimizados. E dentro desse contexto sobre o que diz respeito ao trabalho diário do orientador educacional: Será que esses profissionais conseguem atender a essa quantidade de problemas? E os que não apresentam problemas cognitivos, são deixados de lado?

O orientador precisa estar preparado para muitas novidades e perfis dos mais variados possíveis, pois ele é um agente que ao lado do professor zela pelo processo de aprendizagem e formação dos estudantes por meio do auxílio ao docente na compreensão dos comportamentos das crianças. Ou seja: enquanto o professor se ocupa em cumprir o currículo disciplinar, o orientador educacional se preocupa com os conteúdos atitudinais, o chamado currículo oculto. Nele, entram aspectos que as crianças aprendem na escola de forma não explícita: valores e a construção de relações interpessoais.

O papel do orientador, nos dias atuais, não se limita ao acompanhamento e à dedicação apenas aos “alunos-problema”, sentado em sua sala os recebendo quando desrespeitam o professor ou algum outro colega. O campo de atuação desse profissional se estende por toda a escola, cativando colegas, família e comunidade. São questões psicológicas e pedagógicas muito próximas em benefício de todos.

Conforme Grinspun (2001), quando a escola trabalha as questões sociais, ela está exercendo o seu real papel pedagógico. Todo projeto político da escola deve estar em consonância com o avanço da própria sociedade. O trabalho do Orientador Educacional nessa dimensão é contínuo, dinâmico e permanente. Sua atuação na escola contribuirá para a aquisição do conhecimento a ser construído, oferecendo-lhe os meios necessários para tal atividade.

Em vista disso, torna-se necessário uma resignificação do trabalho do orientador educacional dentro da escola que está inserida numa sociedade plural e cambiante, discute a possibilidade de mudança, buscando romper com os entraves pelos quais a educação vem passando. Devem-se considerar os sujeitos historicamente constituídos como seres capazes da transformação e com direito a participar do processo de construção do mundo.

Justificando a pesquisa feita buscou-se na pedagogia humanista cujo a reflexão de Paulo Freire (2003) denomina como prática-educativo-progressista, que deve se desenvolver baseada numa relação de autonomia do aluno, ou seja, fazer com que ele reconheça criticamente que todo o processo por ele vivido, toda sua curiosidade ingênua são transformados em conhecimento.

A compreensão do desenvolvimento da consciência crítico-reflexiva como característica da construção faz parte de uma ética universal. Mas dificilmente, de acordo com a atualidade do profissional ele está preparado para exercer essa prática. Paulo Freire justifica:

“Não é possível pensar os seres humanos longe sequer da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que é fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador.” (FREIRE, 1996, p. 19).

Com base nisso, é preciso considerar a ética presente nas ações e relações do cotidiano escolar que se fortalece nas atitudes e comportamentos vivenciados quando permitimos que o aluno atue como ser histórico-social escolhendo, intervindo, criticando, rompendo, comparando, tomando decisões e sendo ouvido.

O orientador educacional, um ser sujeito de experiência não é somente ser sujeito de informação, de conhecimento, de opinião, do trabalho, do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer, pois, o verdadeiro sentido de experiência se fundamenta no diálogo, que permite que haja transformação dos sujeitos envolvidos nesse processo. É saber escutar, refletir, aprender a lentidão, dialogar com o outro, para enxergar neste a diversidade dos saberes, tendo consciência que somos inacabados enquanto estivermos convivendo e experimentando com o outro o prazer da busca do conhecimento em suas variadas vertentes. Este conhecimento sempre virá a somar na formação humana, jamais podendo defini-la.

Embora o desenvolvimento humano na teoria Walloniana seja descrito até a adolescência, Wallon (1986) afirma que esse desenvolvimento não termina nesse momento, pois "a constituição do "eu" é um processo que jamais se acaba: o outro interior, ou fantasma do outro, vai acompanhar o "eu" durante toda a vida". (NASCIMENTO, 2004 p. 56).

Como afirmam Mahoney e Almeida (2005), apesar desse movimento de incorporação e oposição de vários outros, mesmo após a adolescência, o adulto se reconhece como o mesmo e único ser. É capaz de afirmar com certa segurança: *Eu sei quem sou*. Ou seja, conhece melhor suas possibilidades, limitações, seus pontos

fortes, suas motivações, seus valores e sentimentos, o que cria a possibilidade de escolhas mais adequadas nas diferentes situações de vida.

Portanto, é possível afirmar que a afetividade constitui um fator de grande importância no processo de desenvolvimento do indivíduo e na relação com o outro, pois é por meio desse outro que o sujeito poderá se delimitar como pessoa nesse processo em permanente construção.

Pelo conjunto das diversas formas de atuação do orientador durante o contexto pedagógico, que vai se qualificando a relação que se estabelece entre o aluno e os diversos objetos de conhecimento (TASSONI, 2006). Nesse sentido, é possível afirmar que para estabelecer uma relação afetiva é preciso que orientadores e alunos estejam dispostos a esse mesmo objetivo, pois a postura que for tomada poderá influenciar na postura do outro, refletindo assim no processo de pedagógico de ensino-aprendizagem.

CAPÍTULO 2: METODOLOGIA – SOBRE O CAMPO E PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO

O presente trabalho é uma análise reflexiva feita por uma estudante de pedagogia em uma escola particular do Distrito Federal sobre a sua experiência profissional como apoio pedagógico na instituição. A sua reflexão toma por base as relações construídas com os alunos ao longo dos dois anos em que trabalha ali. O foco de análise é sobre como a qualidade afetiva das relações entre ela e os alunos favorece pedagogicamente os processos de constituição de si importantes para que eles se enxerguem como pessoas, pertencentes e ativas no processo educativo. Ao contrário do que domina no senso comum, no imaginário das famílias e muitas vezes na atuação dos próprios profissionais educacionais ao não se reconhecer o aluno como sujeito participante do espaço educacional e responsável por suas aprendizagens e desenvolvimento. Muitas vezes, relega-se essa responsabilidade para domínio da instituição, posicionando o aluno como recipiente de um ensino já moldado a quem ele deve apenas obedecer. O aluno parece não ser visto em sua individualidade e em suas particularidades.

Uma concepção centrada na construção das relações sociais dentro da escola, como alicerce para os processos de ensino-aprendizagem, requer uma resignificação do papel da orientação educacional, em especial, do SOE. As necessidades e demandas que essa escola em especial apresenta, faz com que as orientadoras educacionais sejam absorvidas por trabalhos outros. Isso interfere na qualidade da atenção dada ao aluno, resultando no prejuízo do processo de construção das relações e na constituição individual. Diante de tal problemática, este trabalho se propõe a investigar os efeitos da relação entre a futura orientadora educacional e os alunos.

A pesquisa realizada nesse trabalho foi de natureza qualitativa. Considerou-se a fala contextualizada envolvendo a atuação profissional do entrevistador, co-construída com o entrevistado, sobre as relações de seu cotidiano com os alunos. Segundo Minayo (1995, p.21-22): a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço

mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Nesse sentido, percebe-se que a pesquisa qualitativa desse estudo envolveu a obtenção de dados com as entrevistas realizadas. Esses dados foram obtidos em contato direto do pesquisador na situação de entrevista de pesquisa. Assim, é enfatizado mais o processo de que o produto e, portanto, a preocupação está em retratar a perspectiva dos participantes em interação e ao co-narrar a atuação profissional.

A construção do conhecimento se faz de forma mais dinâmica, em ambientes heterogêneos, onde a diferença seja percebida como aspecto positivo no processo educativo. As diferenças de gêneros, etnias, religiosas e outras passarão a ser consideradas como fatores desencadeantes de novos construtos.

2.1 Contexto da Pesquisa

Este trabalho foi ambientado na instituição onde a pesquisadora trabalha. É uma escola localizada no Plano Piloto que oferece somente as modalidades de ensino fundamental I (séries iniciais 1º - 5º ano) e fundamental II (anos finais 6º - 9º ano) e possui 535 estudantes matriculados e frequentes. O corpo docente é formado por 40 profissionais da educação, contando com a equipe pedagógica, diretor, coordenador e orientadores, professores, além de um estagiário e um apoio pedagógico. Funciona desde 1971 e além de ter um projeto pedagógico de base socioconstrutivista, com uma clientela relativamente homogênea e tem como valores o conforto, a segurança e o bem-estar de seus alunos.

A comunidade em que se insere a escola, e por isso mesmo a característica do homogênea do alunado, foi formada por pioneiros da capital federal, principalmente famílias de funcionários públicos vindas do Rio de Janeiro. Hoje é conhecida como um dos lugares mais tranquilos do DF devido a qualidade de vida da população e por ficar próxima a Parque da Cidade Sarah Kubitschek.

A comunidade viu de perto a construção da escola. Por ter mais de 30 anos, é frequente haver famílias em que três gerações já estudaram na instituição; tornando-se parte da história local. Muitos encontros da sociedade eram feitos na escola,

reuniões políticas, por exemplo. Enfim, é possível observar que a escola tem uma vinculação social importante com a comunidade.

2.2 Participantes da Pesquisa

Foi realizada entrevista individual com oito adolescentes de 14 e 15 anos. Para preservar a identidade da instituição, só divulgarei alguns dados que dizem respeito a pesquisa feita.

TABELA 1

Participante	Sexo	Idade	Ano e turma	Caracterização
1	F	15	8ºA	Opinião caracterizada por suas vontades
2	F	14	9ºA	Brincalhona, mas de opinião forte
3	F	14	9ºA	Carinhosa e carente
4	F	14	9ºB	Busca incessantemente por atenção
5	M	14	9ºA	Comprometido e alegre
6	F	15	9ºA	Tranquila e líder
7	M	14	8ºC	Líder nato, alegre e comprometido

A entrevista contou com duas assistentes de pesquisa, pedagogas e colegas de trabalho da pesquisadora, Prof^a Luciana Aragão e Prof^a Nathalia Vasconcellos. Elas foram as responsáveis pelas gravações junto aos alunos e foram devidamente orientadas para tal.

A entrevista reflexiva é uma técnica metodológica utilizada para obter-se uma certificação mais conveniente das informações obtidas numa pesquisa científica. Numa circunstância de entrevista, algumas situações são possíveis de serem observadas a partir da manifestação controlada ou espontânea dos indivíduos entrevistados, com ênfase no processo de captura e construção dos significados dos eventos ocorridos e relatados. A entrevista é um momento de se obter informações de outrem, conforme se desenvolve um diálogo, e é uma oportunidade de se comunicar e de ser ouvido.

Ela tem sido usada em momentos de estudo de significados subjetivos e de tópicos complexos, cuja composição, quando bem elaborada, permite obter melhor compreensão do fato, haja vista tratar de opiniões, sentimentos ou condutas livres dos indivíduos, em períodos passados. Observe-se que alguns destes itens só podem ser tomados com a contribuição das pessoas envolvidas ou participantes do evento.

É um espaço formulado com a representatividade da fala e a interação resultante do pesquisador e do pesquisado. Como seres humanos, estamos diretamente envolvidos num compartilhamento de ideias, emoções e atitudes. Por isso, a intenção da entrevista reflexiva não se prende apenas a um roteiro fechado, ou então se perde a chance de envolver num processo de socialização de transmissão de informações.

Ao iniciar-se uma entrevista, deve haver um consentimento do entrevistado, para existir um foco de ética no desenvolvimento desta prática. Deve-se buscar também uma adaptação ao momento, lugar, adaptação da linguagem, sem esquecer que a interação também se pode dar no sentido inverso, ou seja, do entrevistado para o entrevistador.

É necessário de acordo com o objetivo desse estudo, justificar a utilização da memória autobiográfica para que haja uma contextualização da significação do trabalho realizado pela estudante na instituição com as relações construídas com os alunos ao decorrer da análise feita até chegar as conclusões do trabalho.

Os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva são, em primeiro lugar, os acontecimentos vividos pessoalmente e, em segundo lugar, os “vividos por tabela”, ou seja, pelo grupo e pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. A identificação com este passado é tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada (POLLAK, 1992).

Em suma, ela constitui um elemento essencial de identidade, da percepção de si e dos outros (ROUSSO, 2001). Para Paul Ricour, a memória é mais do que simples objeto da história, pois, permanece como a guardiã de algo que efetivamente ocorreu e aproxima-se da História pela sua “ambição de veracidade” (apud SILVA, 2002).

Portanto, não existe lembrança decorrente da imaginação pura e simples, ou de uma representação histórica exterior. As lembranças dos outros reforçam e completam a do indivíduo, na medida em que se relacionam com os eventos que constituem seu passado. Pois cada um é membro de vários grupos ao mesmo tempo, maiores e menores (HALBWACHS, 2004).

Assim sendo, a memória pessoal transforma-se em fonte histórica, justamente porque o indivíduo está impregnado de elementos que ultrapassam os limites de seu próprio corpo e que dizem respeito aos conteúdos comuns dos grupos ao qual pertence ou pertenceu. Neste sentido, um texto de memória autobiográfica é forma singular mais acabada de uma memória coletiva (MALUF, 1995).

2.3 Procedimentos metodológicos de construção das informações empíricas, instrumentos e análise

Foi feito um relato autobiográfico da pesquisadora sobre suas experiências na instituição investigada. Os dados foram bem específicos desde o início de sua trajetória na escola, as dificuldades vivenciadas e como a sua trajetória foi construída.

Ao iniciar o processo de pesquisa o diretor que é também psicólogo teria que avaliar para estar de acordo ou não para a realização das entrevistas na escola e ao avaliar os termos e as próprias perguntas tocou em um ponto do qual não havia prestado atenção, ele deu a ideia de ao invés da própria pesquisadora fazer a entrevista com os alunos, era melhor que outras pessoas o fizessem, pois a pesquisa consiste dentre outros aspectos a opinião deles sobre o trabalho de apoio pedagógico, e a própria pesquisadora perguntar o que achavam de si poderia prejudicar nos resultados da pesquisa. E dessa maneira o diretor e mais duas pedagogas tiveram papéis importantes na construção dessa pesquisa.

Com a autorização concedida pelo diretor, iniciamos as pesquisas com os alunos. Eles foram selecionados de acordo com a relação que havia com a pesquisadora, aqueles que mantêm mais contato com ela foram os escolhidos. E então foi combinado para que as entrevistas fossem feitas durante o momento do

intervalo e os entrevistados concordaram sem problema algum de perderem uns minutinhos do seu recreio para ajudarem na pesquisa.

As entrevistas foram realizadas em duas salas diferentes e cada uma com duração de 8 a 10 minutos. As duas ajudantes também possuem contato direto com os alunos, o que facilitou, pois não houve nenhuma pressão ou indução para as respostas, foi em um tom de conversa.

O roteiro consistiu com oito perguntas de caráter investigativo sobre como é a relação deles com o apoio, de que maneira eles enxergam esse trabalho, se ele contribui para seu desenvolvimento escolar. Perguntas com a finalidade de demonstrar a dimensão da significação do trabalho de apoio pedagógico na vida escolar deles.

CAPÍTULO III: RESULTADOS – DO RELATO AUTOBIOGRÁFICO À SIGNIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE UMA FUTURA ORIENTADORA EDUCACIONAL EM UMA ESCOLA DO DF

3.1 Do relato autobiográfico

Ingressei na instituição para ser apoio pedagógico por uma indicação de uma amiga que exerce o papel de orientadora disciplinar. Como só havia trabalhado com alunos de ensino infantil até então, esse seria um novo desafio, lidar com crianças e jovens adolescentes ao mesmo tempo, no mesmo espaço escolar.

Inicialmente enfrentei problemas de adaptação dos demais funcionários e dos próprios alunos, pois não tinha noção do tamanho da importância que as outras pessoas que passaram por ali tiveram para todos. Posso dizer que foi um estranhamento geral, ainda mais pelo fato de ser uma pessoa com um certo excesso de espontaneidade e pró atividade.

No dia em que fui contratada me falaram quais seriam minhas atribuições, mas deixaram bem claro que cada dia é um dia e que a rotina da escola é intensa. No primeiro momento não me assustei, pois já estava acostumada com a rotina corrida de uma escola. As necessidades eram maiores do que eu imaginava e percebi que teria que saber fazer de tudo, que precisaria saber o lugar de todas as coisas, enfim, fui me colocando um pouquinho no lugar de cada funcionário da escola para poder auxiliá-los.

Mais especificamente além de ter o papel do que fazia uma antiga nomeada “inspetora”, ainda dou apoio as necessidades dos professores em relação ao comportamento e postura em sala de aula, também auxílio nas funções administrativas como secretaria e tesouraria, dou suporte as questões de manutenção (verificar o que está funcionando ou não ex: ventiladores, lâmpadas, equipamentos eletrônicos, etc), ajudo nas questões pedagógicas ao ter que marcar reuniões com a equipe gestora (direção, coordenação e orientação), atuo também como a pessoa que filtra os acontecimentos diários antes que eles se tornem problemas com maior dimensão devido ao tempo de casa e a proximidade que tenho as famílias, por várias vezes, mais na ausência da equipe diretiva atuo como

orientadora no auxílio das soluções de problemas e o que mais surgir como demanda escolar sou solicitada para encontrar alguma solução.

Construção do serviço de apoio pedagógico

Conforme o tempo foi passando, com certa facilidade fui dando conta do serviço com muita simpatia e prazer de ajudar a todos apesar das atribuições possuírem as mais variadas naturezas possíveis.

Em meio da agitação do dia, alguns movimentos foram me chamando atenção, alguns comportamentos de profissionais e alunos foram tomando mais tempo e espaço do meu serviço. Na instituição contamos com dois serviços de orientação, o SOD (serviço de orientação disciplinar) e o SOE (serviço de orientação educacional). Essas duas funções tem a finalidade de solucionar os problemas em parceria com as famílias no que diz respeito a aprendizagem, comportamento, desenvolvimento e algum outro fator a mais que apareça e que comprometa a vida escolar dos alunos. Por muitas vezes a demanda dos serviços desses profissionais ultrapassa o tempo hábil para solucioná-los ou pelo menos que sejam encaminhados para uma solução e é nesse contexto que eu entro.

Meu local de trabalho é uma mesinha que fica na área mais comum da escola por onde todos passam todos os dias e isso facilitou o serviço de orientação, pois informalmente e em parecia ao SOD construí uma relação com cada um que passa por ali. Várias vezes eu os abordo, dou uma significância a alguma carinha feia ou um sorriso carregado que nem sempre em sala de aula os professores conseguem compreender em vista da grande quantidade de conteúdo, a prazos de entrega de notas e tudo mais. E essa atenção também é dada aos demais funcionários e aos pais. Contato esse do qual algumas vezes consigo ter informações privilegiadas e importantes que não são reveladas nos atendimentos com o SOE e que por vezes também são os verdadeiros motivos dos conflitos.

A partir do momento em que os gestores perceberam por meio de relato dos próprios pais e dos funcionários a confiança e importância que estava sendo colocada ao meu serviço, a responsabilidade de algumas das funções das orientadoras foram incumbidas também a mim. Comecei a participar dos conselhos

de classe, os professores começaram a se dirigir a mim caso precisasse entrar em contato com algum responsável, os eventos da escola passaram a contar com minha contribuição efetiva na tomada de decisões, os pais se referem a mim como uma pessoa que faz parte da equipe gestora da escola por perceberem a movimentação do meu trabalho.

Experiência diária – relação aluno x apoio pedagógico

Hoje, completando dois anos de serviços prestados a instituição, é possível relatar algumas observações feitas durante esse período e de acordo com a função da qual exerço. Apesar da escola contar com um serviço de orientação educacional, nem sempre as questões necessárias são abordadas pontualmente. Infelizmente o trabalho dessa orientadora não é executado próximo aos alunos, muitas necessidades são deixadas de lado pela profissional, pois ela toma a posição de auxiliar mais a fundo e com mais cuidados somente os alunos dos quais os pais procuram a escola e levam laudos psiquiátricos. E então entra a outra profissional de orientação (disciplinar) que possui outro tipo de função e eu como apoio pedagógico para solucionar os problemas corriqueiros que estão deixando de ter essa significância por estarem acontecendo com muita frequência, pois nós duas apenas não podemos tomar nenhum tipo de decisão sem a posição do SOE. É um serviço que necessita do olhar individualizado e sensível necessário para complementar o serviço de orientação, precisa do conhecimento mínimo de cada aluno, até porque não é uma escola grande.

Meu trabalho pode ser classificado inicialmente como aquele que filtra os acontecimentos para que eles possam ser resolvidos com as pessoas certas e essas não são somente professores e funcionários, conta também com a ajuda direta da família. Quando ocorrem problemas que sejam de natureza psicológica como o bullying por exemplo, enviamos diretamente a OE na esperança de que as providências sejam tomadas através do diálogo, se possível chamar os responsáveis até a escola, que seja solucionado da melhor maneira possível, mas não é o que acontece. O SOE muitas vezes deixa de lado esse problema que inicialmente é algo pequeno, ou até mesmo exagerado, mas que devido a relação obtida com os alunos, tenho conhecimento o suficiente para classificá-las como uma

bomba a estourar a qualquer momento das mais variadas maneiras possíveis. No mesmo momento em que vejo o aluno saindo frustrado da sala do SOE já percebendo que seu pedido de ajuda não será atendido, inicio um processo que é uma maneira de atendimento que está dentro das funções de um orientador e que como aluna do último semestre do curso de Pedagogia a direção permite com que esse trabalho seja feito. Como não estou o tempo inteiro dentro das salas de aula, eles se sentem mais à vontade em vir falar comigo, pois ali também há a possibilidade deles se vitimizarem e até mesmo serem completamente verdadeiros com suas opiniões quanto a um colega, muitas vezes com relação aos professores, demais funcionários e com relação a si mesmo.

Significação das práticas pedagógicas

A importância do meu trabalho na vida dos alunos é observada nos momentos em que eles mesmos reconhecem as “brincas” e os “puxões de orelha”, principalmente os adolescentes. Porque se esses momentos de reconhecimento aconteceram, é indício de que houve alguma mudança no entendimento desse aluno com relação ao papel da escola. No momento da abordagem que faço, pouquíssimas vezes vivenciei situações de reprovação diante a meu ato, pois um fator também é considerado importante nesse processo que é a linguagem utilizada para chegar até eles. É preciso estar atento as mudanças, aos gostos, as novidades. É nítido o quanto os olhos deles brilham quando citamos alguma música que está na moda, por exemplo, eles se sentem lembrados e exaltados. Falam até coisas do tipo: “caraca, a tia Pri já sabe até das músicas novas!”; “como você sabe disso, tia Pri? ”; “Tia Pri, sabe aquele filme...? Acontece a mesma coisa lá em casa”; “Tia Pri, preciso falar com você sobre o que está acontecendo na sala por causa daquela música”. E isso é um fator do qual o profissional ganha a confiança dessas crianças e jovens, é o primeiro passo para que eles percebam que existem pessoas até mesmo dentro da escola preocupadas com suas questões, das mais simples até as mais complicadas.

E ao mesmo tempo que há essa percepção, há uma resignificação do trabalho do orientador educacional. É preciso reconhecer as várias identidades que o orientador educacional precisa assumir para seu trabalho correr de maneira a não

prejudicar o andamento da escola, por fazer parte também da gestão escolar que é responsável por fatores pedagógicos e administrativos e também saber que seu trabalho ultrapassa as dificuldades nítidas. É preciso um olhar mais sensível nas atitudes, é preciso estar atento a todo momento em tudo e mesmo que seja um trabalho com várias funções.

3.2 Entrevista com alunos

Significando o apoio educacional

No roteiro de pesquisa apareceram conceitos que marcaram e deram significância a esse trabalho, como por exemplo “confiança”, “intimidade”, “escutar”, “desabafar”. Eles remetem a reflexão de que os alunos se sentem contemplados efetivamente por um serviço da escola e que possuem consciência da importância do apoio pedagógico em sua vida escolar por causa da relação construída entre eles e o profissional.

O papel de apoio educacional se torna um trabalho mais presente de fato na vida deles, pois conforme relatado nas entrevistas, é nítida a falta que eles sentiram durante um tempo de suas vidas escolares alguém que fizesse um trabalho como esse. Encontraram uma pessoa que não só se preocupa com os estudos e notas, mas que também se preocupa com toda a movimentação da escola, os eventos, os benefícios das atividades propostas a eles, enfim. Nessa fase por eles vivida, a adolescência, alguns pontos como a confiança e afeto são importantes. Construir uma relação de confiança com um aluno de 14 ou 15 anos é algo bastante complexo para alguns profissionais, como acontece na escola e que eles percebem nitidamente. É possível compreender o ganho com esse tipo de relação, eles criam uma responsabilidade que acaba sendo estabelecida de forma inconsciente entre eles e o serviço de apoio.

Paulo Freire (2003), identifica na prática-educativo-progressista, a necessidade da autonomia do aluno para que seja possível fazer com que ele reconheça criticamente que todo processo por ele vivido é transformado em conhecimento com base nessa prática pedagógica. Esse serviço encontra sua abordagem inicialmente informal, utilizando seu espaço de atuação que é comum a todos os membros da comunidade escolar e também a linguagem desses alunos

para poder chegar a pontos nem sempre são percebidos pelos demais profissionais da educação e que estão interferindo negativamente em seu aprendizado, mas para isso é criado um vínculo proposital para proporcionar a esses alunos uma autocrítica de suas atitudes para que seus dilemas sejam resolvidos de maneira individual, trazendo soluções específicas para cada caso.

Dentro dos conceitos citados em vários momentos, alguns exemplos contemplam a reflexão feita acima. (As perguntas estão no anexo deste trabalho).

- Participante 1 questão 2: Em quase todos, porque eu sempre *desabafo* muito com a Priscilla, porque ela sempre me ajuda.
Questão 3: Porque ela tá sempre aberta pra me *escutar* e normalmente parte de mim.
- Participante 2 questão 3: Sim, porque eu já criei uma *confiança* com a Priscilla, eu confio nela e sei que posso contar com ela.
- Participante 6 questão 3: Porque eu tenho mais *intimidade* com ela, ela me dá mais abertura de poder perguntar, a gente sabe que sempre ela vai ajudar, dando bronca ou não e eu nem me importo de levar uma bronca dela, ela é sensível ao falar com a gente, dá pra perceber que quer nosso bem e não briga só por brigar, como outros.

Chegar até esses jovens com o intuito de orientá-los não é algo difícil para um profissional da educação, pois dentro de cada discurso há fatores escondidos que são percebidos em suas atitudes clamando por ajuda que não são verbalizados com nitidez e precisam de um olhar mais sensível dentro do contexto escolar. Conforme a convivência com eles é normal que algumas vezes os problemas apresentados sejam encarados como algo superficial ou sem importância por causa da movimentação da escola, onde acontecem vários eventos sobre coisas diferentes todos os dias e isso faz com que esse aluno se sinta “desprezado”, o que resulta em atitudes desafiadoras aparentemente sem explicações.

Percepções do SOE

De modo geral, mesmo com a instituição oferecendo o serviço de orientação educacional que possui como função, conforme Grinspun (2001) buscar a totalidade do aluno, preocupando-se com a ampliação do conhecimento do educando como pessoa, construindo sua personalidade e participando consciente e ativamente de sua própria história de vida, valorizando a realidade de cada aluno. Esse serviço precisa estar em evidência dentro das atribuições do profissional de orientação, pois o aluno sozinho por muitas vezes percebem as etapas pelas quais passam de forma superficial, não chegam a um nível de reflexão de suas atitudes que se não for aguçado com o auxílio do orientador nesse momento, possivelmente esse aluno terá dificuldades para encarar seus desafios, reconhecer seus erros e esses são pontos que podem acarretar em grandes problemas para a constituição da sua personalidade.

A entrevista trouxe algumas falas que podem exemplificar como eles percebem e sentem a carência inconsciente de um serviço mais especializado e específico. Elas são:

- Participante 1 pergunta 4: Porque o SOE não conversa comigo. O Apoio conversa comigo, me escuta, me dá conselho e o SOE não.
- Participante 2 pergunta 4: Porque eu nunca conversei com a Elaine (SOE), nunca fui lá para conversar sobre alguma coisa pessoal, com a Priscilla eu já tenho mais essa liberdade porque ela se mostra mais preocupada com o que acontece com a gente, a Elaine só fica na sala dela e tem vezes que nem o nosso nome lembra. A Priscilla não sei como sabe o nome de todos que passam na frente dela.

Visões de si próprio na escola

Chegou um ponto do qual o próprio aluno tendo como influência o trabalho do apoio pedagógico conseguiu perceber sua real necessidade. Eles aprenderam a reconhecer o que está sendo feito por eles e as escolhas tomadas, percebem a atenção diferenciada que recebem dessa profissional baseada no diálogo, no carinho e na constante observação de maneira bastante madura ao ponto de que grandes ocorram mudanças comportamentais que os engrandece em um aspecto

geral. Antes o observador das atitudes era visto como o chato que falava e chamava a atenção o tempo inteiro, mas a partir do momento em que foi-se dando mais visibilidade as opiniões eles perceberam o tamanho de sua importância e questionamento em todo o processo educacional. Exemplos:

- Participante 4 pergunta 5: Sim, acho que falta um psicólogo pra ajudar nas questões familiares e as escolares.
- Participante 7 pergunta 8: Do jeito que tá, tá bom e acho que deveria ter em todas as escolas.

3.3 Reflexões de uma futura orientadora educacional

Esses alunos trouxeram significado para todo o projeto profissional construído pela autora deste trabalho a partir do momento em que ela utilizou sua personalidade em comunhão com sua profissão para orientar jovens alunos que tinham dificuldades de demonstrar o que sentem através de um processo de relacionamento baseado da afetividade, no diálogo e na observação. É uma conquista para uma profissional que está iniciando sua carreira na educação.

As perguntas foram anexadas a esse trabalho somente para comprovar empiricamente a dimensão que esse serviço de apoio pedagógico tem na vida dos alunos dessa instituição. Conforme Tassoni, 2006, pelo conjunto das diversas formas de atuação do orientador durante o contexto pedagógico, que vai se qualificando a relação que se estabelece entre o aluno e os diversos objetos de conhecimento. Nesse sentido, é possível afirmar que para estabelecer uma relação afetiva é preciso que orientadores e alunos estejam dispostos a esse mesmo objetivo, pois a postura que for tomada poderá influenciar na postura do outro, refletindo assim no processo de pedagógico de ensino-aprendizagem e isso que justifica a facilidade de criar-se uma confiança com esse profissional.

Além disso, os fatores apresentados na pesquisa levantam um questionamento quanto o papel do orientador educacional. As necessidades dos alunos não estão sendo absorvidas pelo profissional formalmente encarregado por

tal serviço. Não que o apoio pedagógico não o possa fazer, mas não está certo o orientador retirar sua responsabilidade sobre questões tão importantes vivenciadas dia a dia por jovens que em sua maioria ainda são crianças. Muitas delas não possuem uma estrutura familiar que o proporcione conhecimento o suficiente que sejam capazes de tomarem suas decisões de maneira consciente.

Não tirando a responsabilidade desse fazer as famílias, mas a escola precisa também assumir esse papel social, pois conforme Grinspun (2001), quando a escola trabalha as questões sociais, ela está exercendo o seu real papel pedagógico. Todo projeto político da escola deve estar em consonância com o avanço da própria sociedade e para isso ser possível é preciso que o trabalho do Orientador Educacional nessa dimensão seja contínuo, dinâmico e permanente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da reflexão sobre a própria experiência profissional como apoio do SOE em uma escola de ensino fundamental, a presente monografia teve como objetivo geral analisar as relações afetivas construídas entre a pesquisadora e os alunos.

Inicialmente, para a compreensão da especificidade dessa pesquisa, foi necessária uma busca histórica sobre o serviço de orientação educacional e quais foram suas batalhas para que chegássemos aos moldes atuais presentes na maioria das escolas do país. O SOE com o decorrer do tempo ganhou certas incumbências a serem cumpridas e apoiadas por leis. O grande problema observado por uma aluna de pedagogia dentro de seu ambiente de trabalho é: a falta da atenção dada a esses alunos fazem com que haja um prejuízo na sua construção como indivíduo e interfere também no processo de ensino-aprendizagem.

Com isso essa estudante que trabalha como apoio pedagógico começou a identificar dentro do seu dia a dia e nas necessidades da escola, um olhar mais sensível e específico de cada aluno. Seu local de trabalho é um espaço comum de todos na escola e isso fez com que o acesso aos alunos que passam a maior parte dentro de sala de aula fosse intensificado.

Com o passar do tempo, criou-se um vínculo de confiança dos alunos com a estudante através da abordagem informal por ela se preocupar com questões que nem sempre são transparecidas na sala de aula e percebidas pelos professores e junto a essa confiança um trabalho de autonomia foi estabelecido para que os alunos tivessem consciência de suas ações e pudessem resolvê-los sozinhos ou que pudessem contar com a ajuda da escola, representada no momento pela estudante.

Por meio do trabalho de campo, o relato autobiográfico e as entrevistas individuais com os alunos, a investigação se propôs interpretar como tais relações construídas atuam pedagogicamente na constituição dos alunos como indivíduos e de que maneira isso leva a uma nova significação das práticas do orientador educacional na escola e qual a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem.

PARTE III - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Confesso que em alguns momentos me perguntei se realmente seria o momento de me formar, se não poderia adiar esse momento tão esperado nos últimos anos, pois a necessidade de ter esse diploma em mãos ultrapassa somente a ansiedade, há um contexto por detrás disso. Acho que sentirei saudade disto: Sentirei falta das amizades que conquistei e dos momentos que passei na Faculdade de Educação, mas chegou a hora de me formar, de tornar-me uma Pedagoga e seguir adiante com um sonho na bagagem.

O sonho está em processo de início somente, pois ao final da graduação existe um pós-graduação logo ali no início do 2º semestre de 2015 me aguardando junto a um concurso público, se Deus permitir e um possível mestrado após disso e quem sabe chegar a última etapa do sonho que é o doutorado em orientação. Resgatar essa importância para a vida das escolas, esse trabalho complicado por ser interdisciplinar e necessário por esse mesmo motivo.

Pretendo seguir carreira pública em algum órgão que me permita exercer a prática de Pedagoga Orientadora, área da qual ao longo dos 4 anos de curso mais de identifiquei, até mesmo por causa de minhas características pessoais.

Tendo em vista esses planos e perspectivas, com toda a experiência teórica e pedagógica adquirida, é possível que eu consiga concorrer a um cargo de orientadora educacional na instituição onde trabalho para iniciar minha jornada profissional no atendimento de orientação com adolescentes. Dessa forma, finalizo minhas perspectivas profissionais com a certeza de que seguirei uma trajetória de sucesso baseado no amor a profissão escolhida com a finalidade de acrescentar positivamente na vida de colegas de trabalho, crianças, adolescentes e principalmente contribuir para a aprimorando e ascensão da importância dos conhecimentos pedagógicos dentro dos ambientes educacionais.

REFERÊNCIAS

ANFOPE/ANPED, 10/09/2004, apresenta **Documentos enviados ao Conselho Nacional de Educação visando elaboração das Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia.** Disponível em: <http://aprender.unb.br/mod/discuss.php?d=1558>

GARCIA, Regina Leite (org), **Orientação Educacional: O trabalho na escola**, São Paulo: Loyola, 1990, 111 p.

GRINSPUN, Mirian P. S. Zippin (org) et al.: **A prática dos Orientadores Educacionais**, 4. ed. São Paulo: Cortez , 2001, 158 p.

GRINSPUN, Mirian P. S. Zippin: **A orientação educacional: Conflito de paradigmas e alternativas para a escola**

GRINSPUN, Mirian P.S.Zippun. **Síntese reflexiva de quem foi e quem é o Orientador Educacional dentro do processo histórico da educação no Brasil.** Disponível em http://www.faced.ufba.br/rascunho_digital/textos/770.htm, acesso em 08/08/200.

<http://pt.slideshare.net/GOEDF/cdigo-de-tica-dos-orientadores-do-brasil>

<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1872/477>

INEP. **“Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova”**. Revista brasileira de estudos pedagógicos. – v. 1, n. 1 (jul. 1944). – Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1944 – Publicação oficial do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira: **História da educação no Brasil (1930/1973)**, 8. ed., Petrópolis. RJ: Vozes, 1978, 267 p.

SANTOS, Maria Aparecida Paiva Soares dos (1986):**Encontros e Congressos Brasileiros de Orientação Educacional: Uma Instância Educativa**, 1986.159 f.

SAVIANI, Dermeval. **História das idéias pedagógicas no Brasil.** – Campinas, SP: Autores Associados, 2007. – (Coleção memória da educação).

SZYMANSKI, Heloisa. **Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa.** In: SZYMANSKI, Heloisa (org.). *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva.* Brasília: Plano Editora, 2002.

ANEXO (S)

Priscila!

Então primeiro parabéns desejo tudo de bom pro você! quero agradecer você por me ajudar principalmente no quesito parto emagrecer kkkk, você é muito mano mesmo na hora de dar aqueles puxões de orelho! consegue até ser chata quando fala que vai dor aderência! (☹) blá blá mas no fundo é uma mulher legal, divertida, amigável, engraçada, e que literalmente não nasceu com salto 15! Vei serio valeu por tudo!

Com mega carinho!
Rebeca...





Tia
Pr

Feliz viver, e muito mais anos de vida. Continue sendo a pessoa legal e engraçada que você é. Você é muito bonita, e todos nos salemos que você vá continuar assim por muitos e muitos anos. Que de aniversários em aniversários, você continue a mesma jefa de sempre

Com Amor,

Vitória e m^a Vitória !!!

e obrigado pela dedicação do
meu celular !!! ☺

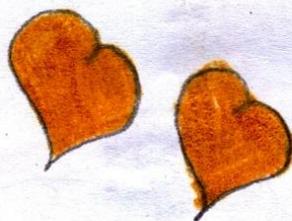
Eu te adoro com amor !!
feliz aniversário!! 
Que  Deus te 
abençoê! Boas festas!!

P e lopel, atwood e bon dit
Para tia reprisila
mora been sem rabat el
mora matrea abaq wgned
albulad, ebanica



Tio você é bonito, legal e tem
bom gosto você consegue cuidar
de todos nós você sabe que
sempre pode contar com mim.

Cassinado: Isabella.



tiamo tia pricila e Alerra

Palves ^{Samuel} Parabenas e Larussa

feliz aniversario muitos anos de vida
beijos de Isabella

feliz aniversario
muito anos de vida e
feliz aniversario
beijos de Gabriel

feliz aniversario
Tia Pri beijos da Com
Beatriz

Beatriz G. Canuto
feliz aniversario
beijos

parabens

Beijo!!! feliz
aniversario muito
anos de vida que deus te
abenoe beijo.

Michel Alves do
meo
tia vocalega
feliz aniversario

APÊNDICE (S)

ROTEIRO DE ENTREVISTA INDIVIDUAL

Objetivos da pesquisa: por meio da reflexão sobre a própria experiência profissional como apoio do SOE em uma escola de ensino fundamental, a presente monografia tem por objetivo geral analisar de as relações afetivas construídas entre a pesquisadora e os alunos. Especificamente, objetiva interpretar como tais relações construídas atuam pedagogicamente na constituição dos alunos como indivíduos e de que maneira isso leva a uma nova significação das práticas do orientador educacional na escola. Assim, o documento que ora se apresenta, compreende três partes, com base nas Diretrizes para Elaboração do Trabalho Final de Curso, Projeto 5, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Data de realização da entrevista individual reflexiva:

Pesquisadores colaboradores:

Nome	do(a)	participante
------	-------	--------------

-
1. Como é sua relação com o apoio educacional?
 2. Em que momentos o apoio educacional te ajudou nos momentos delicados na escola e em sua casa?
 3. Por quais motivos você procura primeiramente o serviço de apoio? Como é feita essa procura, parte de quem?
 4. Pra você, qual a diferença entre o SOE e o apoio?
 5. Você acha que as escolas precisam de um serviço que se importe mais com as necessidades dos alunos?
 6. Qual a visão que seus pais têm desse serviço?
 7. De que maneira o apoio é visto por seus colegas?
 8. No futuro, como seria o serviço de orientação/apoio ideal para uma escola?

TERMO DE CONSENTIMENTO
Para menor de idade

Meu nome é Priscilla da Silva Silverio dos Santos¹ aluna do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula UnB no. 11/0136691. Estou realizando uma pesquisa sobre *Como a relação construída entre uma futura orientadora educacional e seus alunos influenciam na construção do indivíduo a partir da afetividade*.

Para isso, gostaria de solicitar sua autorização para realizar uma entrevista gravada e depois com seu (sua) filho (a).

Esclareço que as entrevistas individuais ocorrerão em horário escolhido em comum acordo entre as partes no espaço da escola; as informações pessoais de seu (sua) filho (a) serão preservadas, ele (a) não será identificado(a) no trabalho; não existe nenhum risco potencial para ele(a); lhe é garantido a possibilidade de desistir em qualquer momento do trabalho. Qualquer dúvida em relação ao estudo você pode me contatar por meio do e-mail priscillasilverio@gmail.com e pelo telefone celular (61) 9932-0592.

A participação de seu (sua) filho (a) é muito importante para o desenvolvimento da pesquisa. Desde já, agradeço sua inestimável contribuição.

() autorizo meu (minha) filho (a) a participar deste estudo

Local e data: _____

Nome do(a) aluno (a): _____

Endereço do(a) aluno (a): _____

Nome do(a) responsável pelo(a) aluno (a): _____

RG ou CPF: _____

Telefone do(a) responsável: _____

E-mail do(a) responsável: _____

Assinatura do(a) responsável: _____

¹ Contato: (61) 9932-0592 – E-mail: priscillasilverio@gmail.com;